



**CURSO DE GRADUAÇÃO TECNOLÓGICA EM PLANEJAMENTO E
GESTÃO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL - PLAGEDER**

**SUSTENTABILIDADE DOS VITIVINICULTORES DE
BOA ESPERANÇA – ROLANTE/RS**

PORTO ALEGRE

2011

JORGE ELOIR FISCHER

**SUSTENTABILIDADE DOS VITIVINICULTORES DE
BOA ESPERANÇA – ROLANTE/RS**

Trabalho de Conclusão apresentado a Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, como requisito parcial para obtenção da Graduação Tecnológica em Planejamento em Gestão para o Desenvolvimento Rural – PLAGEDER, sob orientação do Professor Doutor Leonardo Beroldt.

PORTO ALEGRE

2011

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e por ter me permitido chegar até aqui.

A minha esposa e minhas filhas, pela paciência e por tudo que abdicaram em função da graduação.

Aos meus pais, por terem me substituído principalmente nos finais de semana quando trabalho em nossa agroindústria.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Leonardo Beroldt, à Coordenação do PLAGEDER e professores e tutores, pelo acompanhamento e conhecimento repassado.

Aos proprietários das agroindústrias familiares de Vinhos e Sucos Sbardelotto, Vinhos e Sucos Dallarosa e Vinhos e Sucos Bennato pela disponibilidade, receptividade e disposição em contribuir com esta monografia.

RESUMO

A presente monografia tem por finalidade investigar a relação existente entre as ações e experiências realizadas pelos pequenos produtores de uva da comunidade de Boa Esperança, formada por descendentes de imigrantes italianos, e a possibilidade de permanência das novas gerações daqueles agricultores no meio rural. A partir de temas relacionados às políticas públicas de desenvolvimento rural implantadas no Brasil e as consequências causadas, buscamos compreender a trajetória daquela comunidade que soube valorizar sua socioculturalidade, a agricultura familiar e as agroindústrias, aliando conhecimentos acumulados por gerações com inovações que possibilitaram revitalizar “a arte de produzir vinhos e sucos” em favor da sustentabilidade e da permanência neste novo rural.

Palavras-chave: Desenvolvimento Rural, Comunidade de Boa Esperança, Agricultura Familiar, Sustentabilidade, Agroindústrias, Turismo Rural.

ABSTRACT

The goal of this paper is to investigate the present relation between the actions and experiences accomplished by the small grape producers in Boa Esperança. This community is composed by Italian immigrants and the grape production gives the chance to these people to remain in the rural area. From the themes related to the rural development public politics implemented in Brazil and the consequences they caused, we try to understand that community track that was able to value their socio cultural features, the familiar agriculture as well as the agro industries, joining accumulated knowledge for generations which make it possible to give life the “art of producing wine and juice” on behalf of sustainability and remaining in this “new rural”.

Key words : Rural Development , Boa Esperança Community , Familiar Agriculture , Sustainability , Agro Industries , Rural Tourism .

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa de representação da topografia do Município de Rolante, RS.....	23
Figura 2 - Vista parcial da localidade de Boa Esperança.....	25
Figura 3 - As três gerações da família da Cantina Vinhos e Sucos Sbardelotto.....	35
Figura 4 - Cantina da família de Adélio Sbardelotto	40
Figura 5 - Marino em seu parreiral.....	45
Figura 6 – Agroindústria Vinhos e Sucos Dallarosa.....	47
Figura 7 - Josiane no laboratório da Agroindústria de Vinhos e Sucos Bennato.....	49
Figura 8 – Agroindústria de Vinhos e Sucos Bennato.....	50
Figura 9 - Placa indicativa do Caminho das Pipas.....	56

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Tabela da população urbana e rural do município de Rolante.....	32
--	-----------

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 BREVE RETROSPECTIVA DA EXPANSÃO E MODERNIZAÇÃO DO SETOR AGROPECUÁRIO NO PÓS GUERRA BRASILEIRO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL	11
1.1 O desenvolvimento rural, a sustentabilidade e a agricultura familiar	14
1.1.1 Desenvolvimento Rural.....	14
1.1.2 Sustentabilidade.....	15
1.1.3 Agricultura Familiar.....	16
2 CARACTERÍSTICAS DA REGIÃO, DO MUNICÍPIO DE ROLANTE E DA LOCALIDADE DE BOA ESPERANÇA	19
2.1 Caracterização climática, ambiental e de solo	19
2.2 Características gerais da região	20
2.3 O município de Rolante	21
2.4 A comunidade de Boa Esperança e sua identidade sócio-cultural	25
2.4.1 Origem e implantação.....	26
2.4.2 Família e trabalho.....	26
2.4.3 Educação e religiosidade.....	27
2.4.4 Culinária, artesanato e moradia.....	28
2.4.5 Festividades e lazer.....	29
3 AS PEQUENAS PROPRIEDADES RURAIS DE BOA ESPERANÇA E SUAS TRAJETÓRIAS	30
4 DAS CANTINAS, ÀS AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES DE BOA ESPERANÇA EM BUSCA DA SUSTENTABILIDADE	38

4.1 Características das agroindústrias e sua produção.....	46
5. A COMERCIALIZAÇÃO E A ROTA DE TURISMO RURAL CAMINHO DAS PIPAS.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS.....	64
APÊNDICE.....	68

INTRODUÇÃO

Por décadas no Brasil a ideia de desenvolvimento rural esteve voltada apenas para a dimensão econômica, levando o meio rural a passar por sucessivos planos de governos que não contemplavam a todos os agricultores de forma igualitária.

Especialmente nas décadas de 1960 e 1970 durante os governos militares, a ideia de modernização da agricultura ampliou ainda mais as desigualdades sociais e econômicas entre os grandes proprietários de terras (latifundiários) e os pequenos agricultores rurais que se viram forçados a abandonar suas terras e migrarem para as periferias dos grandes centros urbanos (êxodo rural).

A modernização da agricultura baseada nos princípios da revolução verde (mecanização, utilização de insumos, herbicidas, sementes melhoradas, etc...) disseminou um modelo que considerava o pequeno produtor como retrógrado, ultrapassado, e perpetuou a visão do desenvolvimentismo atrelando a agricultura à industrialização.

A partir dos anos 1980 com uma nova abordagem trazida por pesquisadores de correntes distintas, outras dimensões passaram a ser contempladas para um desenvolvimento sustentável, como a dimensão ambiental e ecológica, a dimensão sócio-cultural e mais recentemente a segurança alimentar.

Com a ampliação da visão de Desenvolvimento Rural, muitos são os conceitos e mecanismos necessários de serem estudados para perseguí-lo.

Nesta perspectiva apresentamos um trabalho voltado para as ações e experiências dos produtores de uva da localidade de Boa Esperança, município de Rolante RS, objetivando investigar a relação existente entre estas ações e experiências e a possibilidade de permanência das novas gerações daqueles agricultores no meio rural.

Caracterizaremos o meio físico e socioeconômico da região e do município de Rolante, bem como da comunidade de Boa Esperança.

Abordaremos a realidade enfrentada por pequenos produtores rurais relacionados ao cultivo da uva, suas limitações e dificuldades, tendo por amostra três propriedades que desenvolvem a agricultura familiar.

Analisaremos fatores relevantes daquela comunidade como a socioculturalidade e a territorialidade na busca pela manutenção da pequena propriedade rural.

Apresentaremos a relação entre as formas de organização da agricultura familiar e a possibilidade de permanência do agricultor e das novas gerações no meio rural.

A definição pelo bloco temático *Ações e experiências em desenvolvimento rural em nível local e regional* resultou da procura por um tema voltado para a realidade enfrentada pelos pequenos produtores que compõem o meio rural do município de Rolante.

A maior parte destes desenvolve a agricultura familiar de subsistência, vivenciando todas as dificuldades que as formas tradicionais de desenvolvimento apreoadas durante as décadas de 1960, 1970 e 1980 impingiram a eles, levando-os ao empobrecimento e a migração da grande maioria para centros urbanos maiores em busca de melhores condições de vida.

A necessidade de buscar alternativas de sustentabilidade encontrada pelos pequenos produtores de uva da localidade de Boa Esperança, composta por agricultores descendentes de imigrantes italianos, que abordaremos nesta monografia, constituiu-se de um relato de uma ação e experiência significativa, que aliou conhecimentos acumulados por gerações, posição geográfica, socioculturalidade, com novas formas de organização da agricultura familiar, possibilitando gerar alternativas de permanência do agricultor e das novas gerações no meio rural.

Em termos de metodologia para a construção deste trabalho foi utilizada a metodologia sistêmica, por permitir um olhar que contemple os mais diversos aspectos que influenciam o desenvolvimento sustentável. Segundo Yin (1994) propomo-nos a investigar um fenômeno contemporâneo, em seu contexto real, no qual os limites entre fenômeno e contexto não são claramente percebidos. Foram utilizadas consultas a dados secundários (bibliografia), entrevistas semi-estruturadas em 3 propriedades da localidade de Boa Esperança (familiar), pessoas e Instituições como EMATER e Prefeitura Municipal de Rolante, que auxiliaram no processo de adequação e/ou instalação das agroindústrias (dez 2010).

1 BREVE RETROSPECTIVA DA EXPANSÃO E MODERNIZAÇÃO DO SETOR AGROPECUÁRIO NO PÓS GUERRA BRASILEIRO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL

Para compor o cenário histórico, apresentaremos neste primeiro capítulo uma breve retrospectiva dos aspectos pelo qual passou a modernização do setor agropecuário no Brasil. Para iniciarmos esse estudo, valemo-nos do que nos ensina Delgado (2009) ao apresentar as relações do setor rural na economia brasileira com os processos de “desenvolvimento e modernização da agricultura”, “a questão agrária” e suas implicações econômicas e sociais a partir dos anos de 1930, passando pelo desenvolvimentismo dos anos 1950 e 1960, as influências da “Revolução Verde” das décadas de 1970 e 1980 até o período da transição liberalista, mas também conservadora dos anos 1990 até a atualidade.

Durante os anos 1930 e no pós Segunda Guerra Mundial a agricultura era vista como mera subsidiária de um processo econômico voltado para a industrialização, apregoado pelo pensamento liberal, que teve no governo de Getúlio Vargas expressiva expansão. As discussões sobre a questão agrária eram praticamente inexistentes neste período. Com as políticas de industrialização e desenvolvimentismo adotadas a partir dos anos 1950 e 1960 firmou-se uma dicotomia entre “a questão agrária” e a “industrialização e o papel da agricultura” que nortearam a reflexão econômica no Brasil. A reforma agrária proposta nos debates políticos por alguns setores intelectuais da sociedade como: o Partido Comunista Brasileiro; Igreja Católica (Progressista) e a Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), apresentavam a necessidade de expansão da legislação social-trabalhista para o campo e a alteração da estrutura fundiária com o objetivo de corrigir a concentração da propriedade fundiária e oportunizar o acesso a posse e utilização da terra, bem como assegurar melhores condições de vida aos camponeses, evitando injustiças sociais e exclusão sociais (Estatuto da Terra, 1964). Opondo-se a essa linha de pensamento sobre a reforma agrária, Delfim Neto com base em dados estatísticos afirmava que a produção de alimentos com monoculturas mecanizadas liberaria mão-de-obra, a ser utilizada pelo setor industrial, sem reduzir a produção, criaria um mercado para os produtos da indústria, expandiria as exportações, capitalizando a economia, negando portanto a existência

da necessidade de uma alteração fundiária e nas relações de trabalho do meio rural. Esta visão de “modernização sem reforma” norteou o pensamento e a ação política a partir do golpe militar de 1964, encerrando as discussões sobre “a questão agrária” pelo “mecanismo” da força, e determinou o lugar da agricultura no processo de desenvolvimento econômico brasileiro. Embora os diagnósticos evidenciassem a necessidade de uma estrutura agrária mais eficiente, justificavam dizendo que eram apenas casos pontuais (Nordeste).

A modernização conservadora levou nas décadas de 1970 e 1980 a uma mudança no debate agrário, tendo Delfim Neto como Ministro da Fazenda em 1967, suas ideias embasaram a implementação do Sistema de Crédito Rural como principal estrutura de fomento à produção agropecuária durante o governo militar que incentivava o crescimento da produção e da produtividade do setor agrícola, de acordo com a necessidade ditada pela demanda urbana e pelas exportações que cresciam. Paralelo a isso a necessidade da acumulação de capital exigiam um aprofundamento e integração entre técnica-agricultura-indústria sob forte mediação financeira do setor público que culminou com o estímulo a utilização dos recursos e práticas conhecidas como “Revolução Verde”, que apregoavam a eliminação dos riscos para uma maior produtividade com a utilização da mecanização da tração, seleção de sementes, uso de insumos como fertilizantes, corretivos de solos, controle de insetos e plantas consideradas daninhas e o desenvolvimento da genética na produção animal, o que significou uma grande alteração no padrão técnico do setor rural. Esta hegemonia no sistema de produção levou a um significativo aumento da produção agropecuária, uma integração entre a técnica, a indústria e agricultura, linhas de crédito e apoio ao latifúndio e nova estrutura fiscal e financeira ao setor rural. Tais políticas mostraram-se altamente excludentes, pois não atingiram a todos os atores sociais do meio rural de forma igualitária, causando aos pequenos proprietários que não tiveram condições de apropriar-se dos recursos da “Revolução Verde” o empobrecimento, levando-os a venderem suas terras e migrarem para a periferia dos grandes centros urbanos em busca de trabalho (êxodo rural).

Neste cenário de exclusão social, de relativa estagnação industrial e de exportações, no final do governo militar, com a promulgação da Nova Constituição de 1988 e com a nova ordem mundial de cunho econômico liberalista, chegamos a um período de transição do padrão modernizante e conservador dos anos 90, em

que retomamos as discussões sobre a questão agrária num contexto em que o desenvolvimento econômico da agricultura e o projeto de industrialização não são mais prioridade para o Estado e as políticas estão voltadas para o setor externo (agrobusiness), monitorados pelas grandes corporações internacionais do comércio e da indústria de “commodities” sob influência norte americana e sem preocupação com as questões agrárias do País. As questões agrárias levantadas há quatro décadas não melhoraram com a “modernização conservadora” e a liberalização agrícola, mas agravaram-se ainda mais, o que surgiu neste cenário não foi a melhoria nas relações de trabalho do meio rural, mas sim as auto-ocupações em regimes de trabalhos familiares, e com a estagnação industrial o aumento do desemprego urbano (Delgado, 2009). Alguns teóricos como Rangel (1961) apontam que para haver uma reforma agrária efetiva no Brasil teríamos que passar por uma crise industrial profunda, que faria retornar ao campo grande parte da mão-de-obra existente hoje no meio urbano.

Com uma visão menos radical, apresenta-se na atualidade a intensificação do debate sobre o chamado novo rural brasileiro levantando suas problemáticas e as correntes com pensamentos distintos que discutem as possibilidades interligadas da reconceituação do setor rural frente os novos aspectos socioeconômicos e demográficos, as funções do setor rural no desenvolvimento econômico da atualidade e as questões do território, pluralidade entre outras dimensões do rural.

Apesar da importância e relevância destes estudos para a busca de alternativas viáveis as questões do rural brasileiro, para Delgado (2009), falta ainda uma abordagem sobre a economia política desse novo espaço, pois a inclusão social com novas fontes de renda e ocupação carecem de algum projeto político, que não seja uma solução conservadora para a crise como as já vivenciadas, mas que unifique, oriente e viabilize avanços nos direitos sociais já conquistados e que permitiram melhores condições de vida no meio rural.

1.1 O desenvolvimento rural, a sustentabilidade e a agricultura familiar

1.1.1 Desenvolvimento Rural

A visão de desenvolvimento rural apenas como crescimento econômico que tratou de difundir a ideia de que o progresso se daria pela mecanização, monocultura e novas tecnologias, desconsiderando questões culturais, sociais, regionais e ambientais levou ao empobrecimento e abandono das pequenas propriedades rurais, demonstrando ser incapaz de dar conta das transformações da sociedade, gerando profundas diferenças sociais e concentração de renda.

Menegetti (2004) acredita ser possível outra forma de desenvolvimento que considere o aspecto econômico, social, cultural que promova transformações nas estruturas (sociais e mentais) da sociedade, e contemple de forma harmônica fatores de produção e ambientais. Com esta nova visão, o significado de desenvolvimento rural aparece com uma dimensão maior do que o mero crescimento quantitativo.

Para Dal Soglio (2008), Wedig (2008), Pacífico (2008) e Fleury (2008), a espécie humana tem sido a principal responsável pelas modificações ambientais em nosso planeta. Somos resultado de uma evolução conjunta entre seres vivos e ambiente que sofreram adaptações, causam mudanças, que fatalmente recebe as consequências dessas mudanças. A capacidade de enfrentar as mudanças e buscar evolução e desenvolvimento com menor risco ambiental é condição premente para o futuro de nosso planeta e da humanidade.

A visão de desenvolvimento apenas do ponto de vista econômico que leva a práticas agrícolas destrutivas para o meio ambiente deve ser superada e a perspectiva ecológica do equilíbrio ambiental dentro de um processo de desenvolvimento sociocultural é a alternativa que viabiliza desenvolvimento econômico com responsabilidade.

O desenvolvimento rural sustentável está ainda distante de ser uma realidade, pois a demanda exigida pelos “países centrais” levam a uma produção em escala cada vez maior que exige o uso da agricultura mecanizada, produtos químicos, biotecnologia (Revolução Verde) e grandes atravessadores, para dar conta deste consumo excessivo, muito superior ao dos países “periféricos” refletindo o contexto

de uma sociedade capitalista que nos coloca numa relação de dependência das grandes corporações, com um modelo de agricultura que está provado ser insustentável do ponto de vista ambiental, e que também incentivou o aumento dos latifúndios com uma agricultura de monocultivos para exportação, levando ao abandono das propriedades rurais (êxodo rural), principalmente dos jovens, e dentre estes, em maior número, as mulheres, ocorrendo o que Abramovay (2005) denominou “envelhecimento rural”, além da perda dos saberes tradicionais, considerados pelos meios de comunicação de massa e pela ideologia acadêmica como “atrasados”, pertencentes a uma sociedade “inferior”, “incivilizada”, segundo Wedig (2008/2).

Este modelo de agricultura tem gerado e agravado problemas ambientais como mudanças climáticas, destruição da camada de ozônio, destruição de recursos naturais, extinção de espécies, perda de biodiversidade, acidificação e salinização dos solos, eutrofização das águas, poluição e desertificação. Outro engano é a produção do biocombustível que mantém a forma de produção em larga escala e que produz a homogeneização dos biomas.

Apesar da conscientização da sociedade estar crescendo, poucas mudanças estão sendo realizadas. As mudanças necessárias passam por atitudes e comportamentos que respeitam a biodiversidade e a complexidade do nosso meio ambiente.

1.1.2 Sustentabilidade

A sustentabilidade deve reunir aspectos sociais, ambientais, econômicos e culturais visando qualidade de vida de todas as espécies do planeta e não apenas da espécie humana. Estes aspectos devem nortear as decisões que indicarão as perspectivas de sustentabilidade e desenvolvimento rural.

A mudança requer a co-evolução e interdependência dos ecossistemas e não a uniformização dos agroecossistemas. Precisamos compatibilizar nossas necessidades com as das demais espécies, revelando assim um índice de desenvolvimento planetário e ecológico.

Reduzir prejuízos ambientais requer uma “agricultura alternativa” com técnicas como adubação orgânica, adubação verde, rotação de culturas, policultivos, plantio direto, eliminação de insumos e de agrotóxicos, com formas de produção e manejo agroecológicos desenvolvidos com métodos participativos viáveis, que por vezes são relegados ao descrédito pelos que dizem serem formas ultrapassadas e não científicas.

Essa transição de sistemas de agricultura baseados em combustíveis derivados do petróleo para sistemas de base ecológica, localmente desenvolvida com o apoio da academia deveria ter o incentivo de políticas públicas a fim de promover um desenvolvimento sustentável.

Neste contexto de busca por um desenvolvimento sustentável, muitos autores defendem o sistema de agricultura familiar como uma alternativa viável para promovê-lo.

1.1.3 Agricultura Familiar

A expressão Agricultura Familiar, no Brasil, é muito recente e por vezes utilizada de maneira indiscriminada para a definição de diferentes noções, se confundindo principalmente com agricultura de subsistência e pequena produção. Neste sentido, faz-se necessário angariar alguns conceitos que buscam traduzir qual o entendimento acerca da Agricultura Familiar no Brasil.

Para alguns autores, como Abramovay (1997), dizer que as características essenciais da Agricultura Familiar se confundem com a noção de agricultura de subsistência e pequena produção é no mínimo desconhecer a história do desenvolvimento agrícola nacional e mundial, uma vez que as noções acima elencadas envolvem um julgamento prévio sobre o desempenho econômico destas unidades.

Para Gasson e Errington *apud* Abramovay (1997), existem seis características básicas que definem a Agricultura Familiar, sendo elas: a gestão realizada pelos proprietários, a ligação dos responsáveis pelo empreendimento, por laços de parentesco, o trabalho fundamentalmente familiar, o pertencimento do capital à

família, a transferência intergeracional no interior da família do patrimônio e dos ativos e a vivência dos membros na mesma unidade produtiva.

É importante destacar que nem sempre as famílias preenchem todos estes requisitos até mesmo porque ocorrem diferentes dinâmicas sociais que com o decorrer dos anos modificam as estruturas, como por exemplo, a entrada de pessoas que não são da família, ou a sucessão, porém os traços predominantes do comportamento social destas famílias, por vezes, permanecem os mesmos.

Além do entendimento das peculiaridades que envolvem a Agricultura Familiar, uma importante reflexão é trazida por Schneider (2003) quando o autor discute a noção de reprodução social apresentando três elementos para a definição de Agricultura Familiar. O primeiro relacionado a forma de uso do trabalho, seguidos pelos obstáculos oferecidos pela natureza, que impedem que a atividade agrícola torne-se correspondente a atividade industrial, e por fim, coloca como terceiro elemento a compreensão dos ambientes que exercem influência exterior às unidades familiares de produção. Além disso, apresenta como elemento central, regulador dos elementos acima apresentados, a natureza familiar das unidades assentadas em relação de parentesco e herança entre seus membros e pela tomada de decisão por parte da família, afirmando que:

a reprodução é acima de tudo, o resultado do processo de intermediação entre indivíduos membros com sua família e de ambos interagindo com o ambiente social em que estão imersos. Neste processo cabe a família e a seus membros um papel ativo, pois suas decisões, estratégias e ações podem trazer resultados benéficos ou desfavoráveis à continuidade e a reprodução. (Schneider, 2003, p. 95).

De acordo com o acima descrito, percebe-se nitidamente a importância que os autores dão ao papel da família, uma vez que todas as decisões são por ela tomadas, numa nítida aproximação com a teoria de Chayanov (1974).

Desta forma, a presença da agricultura familiar tem representado, de maneira crescente, um ponto de referência e de oportunidades no que diz respeito à:

- I) produção de matérias-primas para as agroindústrias locais;
- II) produção de alimentos básicos (limpos/orgânicos);
- III) geração de oportunidades de ocupação/emprego;

IV) diversificação econômica;

V) preservação ambiental, em especial dos mananciais hídricos;

VI) manutenção da paisagem e dos espaços de lazer;

VII) preservação da cultura, modo de vida e organização alternativo ao individualismo e desagregação social.

Na busca por um desenvolvimento rural sustentável, Prezotto (2000), destaca a importância da agroindústria familiar como uma ferramenta capaz de promover a geração direta e indireta de novos postos de trabalho e renda para estes agricultores, melhorando assim a sua qualidade de vida.

A regulamentação de agroindústrias e a implementação de atividades de turismo rural de acordo com Souza e Klein (2010) tem norteado uma série de discussões no cenário acadêmico e político brasileiro a partir da década de 1990 configurando-se como uma importante estratégia de fortalecimento do desenvolvimento local e regional.

Em regiões formadas por pequenas propriedades, como as que serão abordadas na presente pesquisa, que desenvolvem a agricultura familiar, a união destas em torno de uma rota de turismo rural oportuniza a comercialização direta de seus produtos, excluindo o atravessador, agregando valor e conferindo a estes produtores uma maior autonomia e maior renda.

Nesta perspectiva o próximo capítulo apresentará as características que envolvem o contexto ambiental, econômico e sociocultural onde estão inseridas as propriedades pesquisadas.

2 CARACTERÍSTICAS DA REGIÃO, DO MUNICÍPIO DE ROLANTE E DA LOCALIDADE DE BOA ESPERANÇA

Este capítulo se propõe a trazer nos itens 2.1 e 2.2 informações acerca da caracterização climática, ambiental, de solo e socioeconômica da região onde se situa Rolante, no item 2.3 fazer a caracterização do município em si e no item 2.4 a caracterização da comunidade de Boa Esperança.

2.1 Caracterização climática, ambiental e de solo

O clima predominante no município/região é temperado, apresentando amplitude térmica anual elevada. Segundo dados do IBGE (1997), o clima pode ser classificado como temperado e mesotérmico. Segundo relatos dos moradores, as estações do ano são bem definidas, sendo que os invernos são rigorosos, principalmente nas partes baixas enquanto os verões são bem quentes. As chuvas são bem distribuídas durante todo o ano.

No que se refere a vegetação, há o predomínio da Floresta Estacional Semidecidual, sendo que o IBGE (1997) faz uma sub-classificação levando em consideração as diferenças de altitudes: até 30m, Florestas das Terras Baixas; de 30m a 400m, Floresta Submontana; e de 400m a 1000m, Floresta Montana. É importante mencionar, que a maior parte da vegetação do município era composta de mata subtropical, porém, atualmente grande parte destas, se encontram devastadas, principalmente nas partes planas e médias, sendo que os exemplares que restaram estão situados nas áreas mais íngremes (Schierholt, 2004). Importante mencionar que as matas hoje existentes no município são na sua maioria, matas secundárias. Não raro se encontra plantações de eucalipto, acácia e pinus, associadas a grandes extensões de capoeira.

Em decorrência dos terrenos do município pertencerem à faixa de formação arenito-basáltica que forma o planalto e escarpas do Planalto Meridional no sul do Brasil, o solo do município é do tipo arenoso nos vales e do tipo argiloso nas partes mais altas. Pode-se descrever mais minuciosamente que os solos encontrados no

município são litólicos eutróficos de textura média, relevo montanhoso e de substrato basáltico-amigdalóide; podzólico vermelho amarelo de caráter raso, textura argilosa, relevo ondulado e forte ondulado, textura e substrato arenítico; brunizém avermelhado de caráter raso, textura argilosa, relevo forte, ondulado e substrato basáltico; leterítico bruno avermelhado eutrófico, de caráter raso, textura argilosa, relevo forte ondulado e substrato basáltico e, solos litólicos eutróficos (Baldasso, 2001).

A formação do relevo na região se dá sobre a borda sul da Bacia Sedimentar do Paraná onde ocorreu um grande derrame de lavas vulcânicas extrapolando os atuais limites geográficos do Rio Grande do Sul. Ocorre que em decorrência desta atividade geológica surgem camadas alternadas de arenito e basalto. A Serra Geral é vista como uma muralha, variadas em suas formas locais, uniforme na sua imponente horizontalidade, própria dos sistemas sedimentares e efusivos (Rambo, 2000).

Importante mencionar que no município se destacam dois cursos de água: o rio Rolante e o arroio Areia (afluente do rio Rolante). Segundo dados do IBGE (1997) tendo em vista a localização dos rios junto aos Patamares da Serra Geral, estes apresentam características de planalto. Destacam-se ainda, o número considerável de cascatas e cachoeiras.

2.2 Características gerais da região

O município de Rolante se localiza no Vale do Paranhana que é uma micro-região, localizada no Vale dos Sinos. É formado pelas cidades próximas ao Rio Paranhana, afluente do Rio dos Sinos que abrange áreas dos municípios de Igrejinha, Parobé, Riozinho, Rolante, Taquara e Três Coroas. Em todo o Vale há forte predominância da etnia alemã decorrente do fluxo imigratório ocorrido na primeira metade do século XIX. Já nas regiões mais altas dos municípios de Rolante e Riozinho, instalaram-se algumas famílias de origem italiana que se dedicaram ao cultivo da uva e da produção de vinho.

Especialmente na segunda metade do século XX, em face do desenvolvimento da indústria calçadista no Vale do Sinos e da crise por que passou

agricultura, houve forte migração interna em direção à região, proveniente dos municípios agrícolas gaúchos, do oeste de Santa Catarina e do Paraná.

A região também se destaca pela presença significativa da indústria moveleira, de bebidas (cerveja em Igrejinha e vinhos em Rolante e Riozinho). Na agricultura destacam-se o arroz (Taquara, Parobé e Rolante) e os hortifrutigranjeiros (toda a região).

2.3 O município de Rolante

O município de Rolante - RS está localizado na Depressão Central, microrregião colonial da Encosta da Serra Geral, ficando distante da capital aproximadamente 100 km. A sede do município está situada na latitude de 29°39'04" e longitude de 50°34'34" possuindo uma altitude de 38m acima do nível do mar (IBGE, 1998), e tem como municípios vizinhos Taquara, à oeste, Riozinho, à leste, Santo Antônio da Patrulha, ao sul e São Francisco de Paula, ao Norte.

A área total do município é de 303 Km², sendo 23,40 km² de área urbana e 280,13 km² de área rural, onde está localizada a comunidade de Boa Esperança, objeto do nosso estudo, ficando distante da sede 18 km.

As propriedades rurais do município têm como base a agricultura familiar com áreas menores de 50 hectares. A topografia varia de plana a fortemente ondulada com altitudes variando entre 40 metros e 800 metros.

Para uma melhor compreensão das áreas que compõem o município, este foi dividido em regiões homogêneas¹, assim caracterizadas:

- a) **Região 1- Topos dos morros:** se localizam as comunidades de **BOA ESPERANÇA**, Morro Grande, Nova Palmeira, Cantagalo, Sampaio Ribeiro e Ilha Nova. Nota-se nesta região a presença de flora e fauna nativas, cascatas e um relevo bastante acidentado. No aspecto econômico há a forte presença de

¹ Estudo de situação realizado pelo Escritório Municipal da Emater/RS-Ascar de Rolante e Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural, não publicado.

agroindústrias, reflorestamento, hortigranjeiros e fruticultura. A etnia alemã e italiana é predominante, as comunidades são bem organizadas e a religiosidade é um aspecto marcante.

- b) **Região 2 - Encosta dos morros:** se localizam as comunidades de Fazenda Fleck, Morro da Figueira, Caconde, Açoita Cavallo, Glória, Areia Alta e Barrinha. Nesta região é possível constatar a flora e a fauna nativas em recuperação, em função de que esta era uma área de intensa agricultura em épocas passadas e que agora vem sofrendo muitas transformações. Várias moradias foram abandonadas. O relevo é bastante acidentado. A agricultura predominante atualmente é a de subsistência e pecuária leiteira em pequena escala. A população é pouco concentrada e predomina a etnia alemã e portuguesa.
- c) **Região 3 – Áreas Planas:** nestas áreas se localizam as localidades de Campinas, Fazenda Passos, Areia, Alto Rolante, Mascarada, Rolantinho e a sede do município. Pode se perceber nesta área que a flora e a fauna nativa são escassas, o solo é arenoso e a topografia é plana. As principais atividades econômicas giram em torno da pecuária leiteira, hortigranjeiros, piscicultura, comércio, indústria e serviços. A etnia alemã é a predominante, com forte concentração populacional. A organização social destas comunidades é um aspecto de destaque.

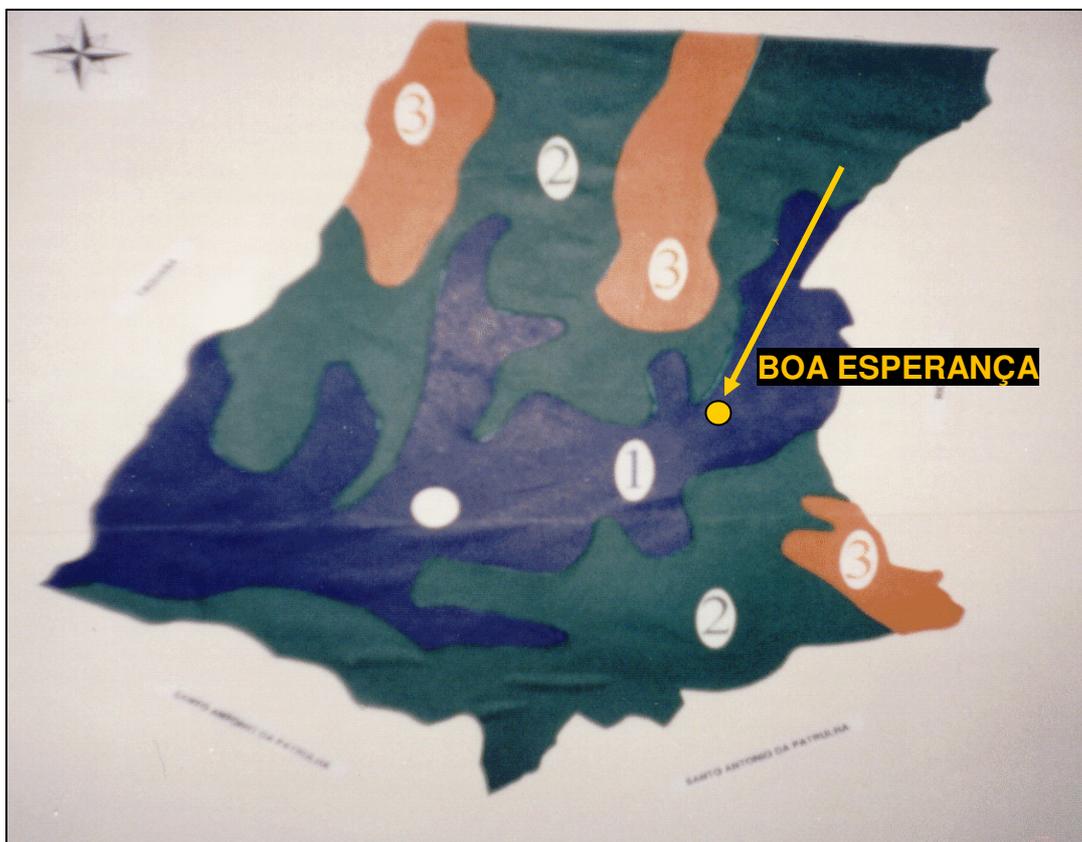


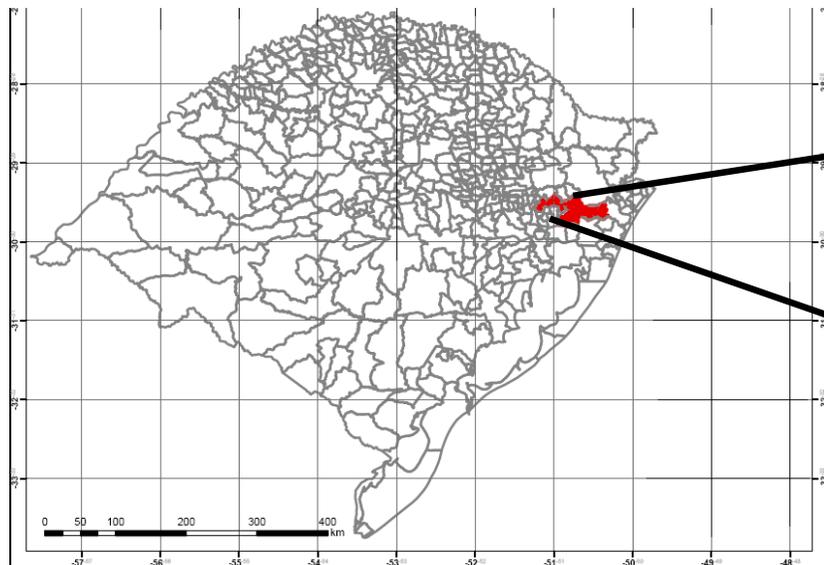
Figura 1: Mapa de representação da topografia do Município de Rolante, RS

Fonte: EMATER, 2007.

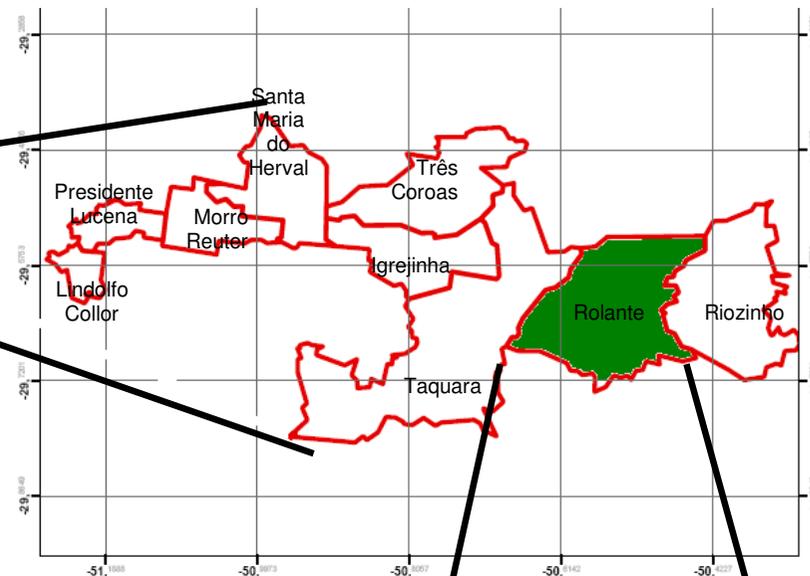
A localização geográfica do município de Rolante e a localidade de Boa Esperança

O município de Rolante pertence ao COREDE Paranhana-Encosta da Serra localizado na região nordeste do Rio Grande do Sul.

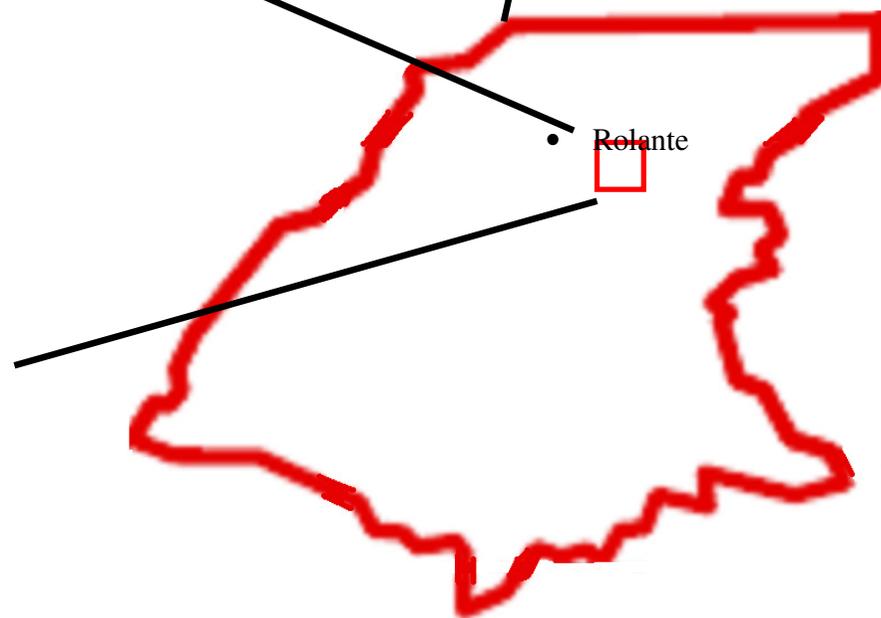
Municípios do Estado do Rio Grande do Sul



Corede Paranhana - Encosta da Serra



Município de Rolante



Identificou-se no mapa do Estado do Rio Grande do Sul, o COREDE Paranhana – Encosta da Serra e os municípios que o compõem, destacando o município de Rolante, e neste a localidade de Boa Esperança.

2.4 A Comunidade de Boa Esperança e sua identidade sociocultural



Figura 2 : Vista parcial da localidade de Boa Esperança

Foto: Jorge Fischer, 2011.

A caracterização da comunidade de Boa Esperança faz-se destacar pelos aspectos que envolveram sua formação sociocultural. A comunidade de Boa Esperança é formada basicamente por descendentes de imigrantes italianos.

2.4.1 Origem e Implantação

Por volta de 1905 os primeiros descendentes de imigrantes italianos chegaram a Boa Esperança, vindos de Maratá, hoje Salvador do Sul. Até meados do século XX a comunidade era formada por aproximadamente 50 famílias de acordo com a pesquisadora Lorena Dall'acqua. Atualmente a comunidade conta com pouco mais de 200 habitantes, sendo esta população do núcleo urbano e adjacências.

2.4.2 Família e Trabalho

As famílias eram em geral numerosas e tinham no homem a visão do “chefe” que centralizava as decisões e o planejamento do que seria cultivado na propriedade. Ele tomava frente no trabalho embora a mulher e os filhos também faziam parte das tarefas de plantio e colheita da uva, do milho, do feijão, e do trigo. Cultivavam uma grande diversidade de plantas, cujo objetivo principal era o sustento da família.

O sistema de manejo do solo era através da enxada e em menor escala o arado de tração animal, pois o relevo da localidade é bastante acidentado. Fizeram derrubadas com machados e serras manuais, e queimadas da mata para instalar suas lavouras. Usavam o sistema de pousio para recuperação do solo, para depois realizar outra lavoura no mesmo local.

Mais tarde acompanharam o ciclo do piretro, que todo o município cultivava, e era vendido para a empresa Pirisa de Taquara. Depois veio a batata que junto com a cultura da uva permanece até os dias de hoje.

O cultivo das parreiras ocupa as encostas dos morros e são avistados de longe pela quantidade que representam. O plantio é realizado em agosto e setembro e a colheita da maior parte da produção em janeiro. Sempre produziram o próprio vinho nos porões das casas em tinas de madeira onde a uva era amassada com os pés, deixavam fermentar e armazenavam em pipas para utilizar no resto do ano. Do milho e do trigo faziam a farinha para a polenta e as massas. Nos anos 1930, as famílias se organizaram para fundar uma empresa com a finalidade de comercializar

a produção excedente do vinho. Posteriormente surgiram duas grandes cantinas que absorvia toda a produção de uva excedente da localidade, que permaneceram até os anos 1980 quando uma delas encerrou suas atividades e a outra foi vendida para outra empresa de Taquara que continuou com a produção de vinho em escala industrial.

2.4.3 Educação e Religiosidade

A educação era severa. As crianças dispunham de pouco tempo para brincar, pois desde cedo participavam das lidas na propriedade, e saíam da escola quando parcamente sabiam escrever, ler e fazer contas. Com o passar do tempo lá se instalou uma escola primária de freiras católicas, que no ano de 1988 encerraram suas atividades. A Prefeitura Municipal de Rolante então adquiriu a escola e instalou ali uma escola municipal de Ensino Fundamental que permanece até os dias de hoje, algumas famílias enviam seus filhos para fazer o Ensino Médio e Faculdade, alguns retornam e outros não voltam mais.

A comunidade na sua quase totalidade pertence a religião Católica. Em 13.09.1944 foi fundada a paróquia de Nossa Senhora do Caravaggio considerada padroeira de Boa Esperança, tradição de origem italiana. A primeira igreja construída pela comunidade era de madeira, posteriormente construíram em alvenaria a casa canônica para servir de residência para o padre. Atualmente a igreja é de alvenaria e o sino que anteriormente estava num campanário é o mesmo que ocupa o alto da torre. A catequese e o terço eram realizados por membros da comunidade e a religiosidade era o centro das atividades culturais da comunidade, que permanecem até os dias de hoje.

Outra tradição religiosa observada é a construção de capitéis (pequenas capelas) á beira das estradas em homenagem a algum santo de sua devoção cujos pedidos feitos eram alcançados, então como pagamento da promessa construíam estes oratórios com a imagem do santo (Santo Antônio, Santa Bárbara, São Roque).

2.4.4 Culinária, artesanato e moradia

As residências possuíam fogões de pedra e barro com chapa de ferro onde desde cedo as meninas aprendiam a cozinhar com suas mães, assim as comidas típicas foram passando de geração em geração. Até hoje o fogão a lenha é utilizado pela maioria das famílias. As primeiras casas eram de madeira com porões de pedras onde preparavam e guardavam o vinho.

Entre as comidas destacam-se as massas, chamadas “taiadele”, os “bigoli” e o macarrão, feitas artesanalmente com rolos que utilizam para espichar e depois cortar.

A polenta, a sopa de “agnolini”, que até hoje é preparado a mão e congelado para ser comercializado nos mercados e padarias da cidade de Rolante. A menestra (sopa) de feijão, o pão italiano, o salamito, o queijo e as verduras que são consumidas com vinagre de vinho são a alface, radichi e uma raiz conhecida como “crem” ou “raiz forte”. A galinha, ovo, leite, a carne de porco (torresmo, toucinho e banha) por serem produzidos em suas propriedades são abundantes em sua culinária.

Sempre tiveram uma alimentação forte e acompanhada por um copo de vinho.

Cada família cultivava seu pomar e sabem fazer conservas para vender nas cantinas.

Além do vinho e das conservas, vendem queijo, salamito e massas.

No artesanato a trança para confeccionar chapéus e fazer cestos está desaparecendo. O vime que utilizavam para fazer balaios pequenos e grandes “jacás”² para a colheita da uva, ainda são feitas em algumas famílias. Havia ferreiros que produziam ferramentas de metal, que hoje não existem mais, sabiam também trabalhar a madeira e construir móveis e barris, baús, restando hoje apenas duas serrarias.

² Jacá: balaios de vime utilizados para a colheita da uva.

2.4.5 Festividades e Lazer

Entre os costumes herdados permanecem o jogo de cartas “dubelon”, o jogo de bochas e a “mora” que é realizado com dois ou quatro homens na volta de uma mesa onde gritam em italiano número que representam a quantidade de dedos apresentados e vence aquele que acertar a soma destas quantidades com a de seus dedos.

Os bailes que seus antepassados realizavam no salão da igreja deram origem ao que hoje é o “Festival do Vinho de Boa Esperança”. As festas em homenagem a Nossa Senhora do Caravaggio permanecem anualmente com procissão realizadas no passado a pé e hoje, com carros e caminhões.

Verificamos que ainda hoje as principais atividades de lazer giram em torno da religiosidade e do vinho, sendo o salão paroquial o principal centro de lazer, pois os jovens têm dentro deste salão a única cancha de futebol de salão da comunidade, além de um campo de futebol.

Os dados apresentados neste capítulo servirão para elucidar a compreensão da dinâmica que envolve as alternativas de desenvolvimento encontradas pelos pequenos produtores rurais que serão o assunto do próximo capítulo.

3 AS PEQUENAS PROPRIEDADES RURAIS DE BOA ESPERANÇA E SUAS TRAJETÓRIAS

Neste capítulo apresentaremos as dificuldades enfrentadas pelos agricultores da localidade que levaram a migração de vários para o meio urbano em busca de melhores condições de vida, bem como as alternativas encontradas pelos que ali permaneceram para reverter esta situação de falta de perspectiva. Para fundamentar este trabalho foram realizadas pesquisas em cantinas estabelecendo relações entre a fala dos entrevistados e os teóricos que tratam sobre o assunto. Das oito cantinas existentes, sete estão regularizadas legalmente e destas 03 foram escolhidas para realização deste trabalho (Vinhos e Sucos Sbardelotto, Vinhos Dallarosa e Vinhos e Sucos Bennato), por apresentarem graus diferentes de estruturação bem como pela disponibilidade das pessoas de faixas etárias diferentes em colaborar na realização da pesquisa.

A partir da fala dos entrevistados foi possível vivenciar a realidade dos agricultores desta comunidade de descendentes de imigrantes italianos, relacionando suas problemáticas com as perspectivas do Desenvolvimento Rural, o que nos permite observar como cada período influenciou na estruturação e organização destas pequenas propriedades que praticando a agricultura familiar buscavam sua subsistência e permanência no meio rural através do cultivo de produtos como cebola, batata, feijão, milho, trigo, piretro e principalmente da uva, bem como a criação de gado, suínos e aves.

Em uma das propriedades visitadas o agricultor mais velho entrevistado referia-se a esses cultivos dizendo:

[...] plantava batata e cebola. Vendia 300 sacas na residência. E a uva, vendia parte levando na cidade de São Francisco de Paula com uma camioneta Willys e parte entregava na “Cantina de Boa Esperança”. E sempre fazia 1000 litros só pro gasto. Não vendia em casa.³

[...] meu pai contava que como era feito pouco vinho, a uva era vendida para indústria onde que nos pagava só no fim do ano, sem correção, era entregue em janeiro. Estas indústrias tinham mercado, que forneciam

³ João Sbardelotto. Entrevista concedida a Jorge Eloir Fischer em jan. 2011.

mantimento para a propriedade que tinha uma caderneta onde era feita anotação do que o produtor usava, os produtos tinham reajuste e a uva entregue não. Esta indústria era uma cooperativa daqui mesmo, Industrial de Bebidas Riozinho, porém não é mais cooperativa, que passou a ser empresa limitada deixando os produtores mais desanimados, onde só sobreviveu alguns produtores que estão melhor estruturados.⁴

Na localidade havia desde os anos 1930 uma cantina, que segundo João Sbardelotto, “era uma sociedade” onde todos os agricultores levavam sua uva para beneficiar e transformar em vinho. Era administrada pelos agricultores que produziam uva, todos segundo ele, eram sócios, mas não havia documentação regulamentando esta sociedade, que com o passar dos anos, passou a pertencer a uma companhia chamada “Industrial de Bebidas Riozinho”, que comprova a produção deles, beneficiava e levava para o município vizinho, Riozinho:

[...] eles dava o veneno pra passar na parrera. Depois o Ernesto botou a cantina e queria que eu vendesse toda a uva pra ele, mas eu vendi por 28 anos só a metade.⁵

Nestes relatos verifica-se que na localidade além da Industrial de Bebidas Riozinho outro produtor instalou em sua propriedade uma cantina que também pretendia comprar a produção dos demais agricultores, mas que posteriormente também foi vendida para a cooperativa de leite (Cooperativa Agropecuária Rolantense Ltda – CAPROL), que lá se instalou em 1987 produzindo vinho e veio a encerrar suas atividades, na localidade, em 1995, pois a referida cooperativa enfrentava um processo de endividamento e vendia então seus imóveis para pagar as dívidas contraídas.

Percebe-se nos relatos a relação existente nesse período de incentivo ao aumento da produtividade, que as políticas de “desenvolvimento e modernização da agricultura” faziam, com práticas que estimulavam o uso de recursos como insumos,

⁴ Martinho Dallarosa. Entrevista concedida a Jorge Eloir Fischer em jan. 2011.

⁵ João Sbardelotto. Entrevista concedida a Jorge Eloir Fischer em jan. 2011.

fertilizantes, corretivos de solos, controle de insetos e plantas consideradas daninhas, o que significou uma grande alteração no padrão técnico do setor rural.

Tais políticas mostraram-se altamente excludentes, pois não atingiam a todos os atores sociais do meio rural de forma igualitária, causando aos pequenos proprietários que não tiveram condições de apropriar-se dos recursos da “Revolução Verde” o empobrecimento, levando-os a venderem suas terras e migrarem para a periferia dos grandes centros urbanos em busca de trabalho, o que configurou o chamado êxodo rural, (Delgado, 2009).

Neste contexto, a comunidade de Boa Esperança, bem como todo o município de Rolante assistiu muitas das famílias abandonarem suas propriedades e migrarem para centros urbanos maiores como Campo Bom, Novo Hamburgo e Sapiranga, no vale do Rio dos Sinos, em busca de melhores condições de vida, o que pode ser percebido na tabela abaixo.

Tabela 1: Tabela da população urbana e rural do município de Rolante

ANO	URBANO	RURAL	TOTAL
1960	-	16381	-
1970	2481	12385	14866
1980	5491	6278	11769
1991	9970	3450	13420
1996	12542	4147	16689
2000	13928	3923	17851
2010	15.318	4175	19493

Fonte: Indicadores populacionais. Disponível em: www.ipeadata.gov.br.

Acesso em 15.12.2010.

Ao referir-se ao “veneno” fornecido pela empresa a fala de João evidencia o que segundo Lutzenberger (1998) significa que na agricultura moderna o agricultor transformou-se num mero operador de máquinas a dispersar venenos e fertilizantes, representando apenas uma pequena peça na engrenagem da produção, distribuição

e comercialização de alimentos, totalmente fragilizado e subjugado pelas grandes corporações que comandam o sistema convencional vigente, e tira a autonomia destes agricultores.

A presença de associações e cooperativas na localidade demonstram algumas alternativas de organização destes indivíduos que se constituíram como tentativas de beneficiamento de sua produção para agregar valor ao produto.

Segundo Kerstenetzky (2003, p.132), associações são formas de organização que ensejam “reduzir desigualdades socioeconômicas e, por extensão desigualdades políticas”, mas a autora não afirma que a vida associativa conduza a uma redução efetiva das desigualdades políticas, deixando uma reflexão de que esta não é necessariamente uma virtude “republicana”, e pode gerar apatia política altamente reveladora.

Para Schneider (2005, p. 2) “as cooperativas são organizações criadas para servir a seus membros, e, portanto devem adaptar-se à nova realidade internacional, sem perder sua identidade específica, sua marca central”. O cooperativismo constitui-se como alternativa integradora e solidária para gerar o bem-estar das pessoas e das comunidades oportunizando o crescimento econômico sustentável.

As formas de organização como Associações e Cooperativas mantêm características e especificidades próprias, que sofreram e sofrem no decorrer do tempo transformações ditadas pelo contexto socioeconômico do mundo capitalista.

A associação que informalmente os agricultores de Boa Esperança constituíram transformou-se em uma empresa privada e a cantina de um pequeno produtor foi vendida para uma cooperativa de leite (CAPROL) que não sobreviveu por motivos de perda do foco de atuação e investimento em filiais de comércio.

As cooperativas cujo principal objetivo era integrar solidariamente seus cooperados com a finalidade de melhorar sua renda e bem estar social, sofreram com o neoliberalismo e o surgimento de grandes corporações nos anos 1980 e 1990 (Kerstenetzky, 2003), fortes pressões por competitividade perdendo muitas vezes sua identidade, seu foco de atuação e partindo para a busca de capitalização através da expansão do ramo do comércio, gastando com propaganda e marketing que nada tem a ver com seus cooperados, que por pouco entenderem, delegaram poderes a administradores desvinculados de sua realidade, que tomaram decisões por vezes fatais que levaram a instituição a sucumbir.

Tais situações deixaram marcas de descrédito em parte destes agricultores, em instituições como associações e cooperativas que poderiam ter significado estratégias importantes e viáveis para o desenvolvimento do meio rural da localidade.

Ao falar do trabalho com o plantio da batata, da cebola, e de outros produtos que a propriedade mantinha João afirma:

[...] a gente plantava e o trabalho era duro, daí a gente cansou [...] e paramos com a cebola e a batata, plantamos naquelas terras pinus, acácia e eucalipto. Ficamos só com a parreira e alguma plantação pro gasto.⁶

O Senhor João ao mesmo tempo em que relata o cansaço e as dificuldades enfrentadas orgulha-se de sua trajetória com sua esposa Rosália e os quatro filhos : Matistela, 49 anos, Marino, 48 anos, Marisa, 44 anos, e um falecido aos oito meses de vida.

Neste cenário de falta de perspectivas e de políticas públicas que orientassem o planejamento de um desenvolvimento rural que contemplassem os pequenos proprietários, as consequências foram o abandono das atividades agrícolas por várias gerações.

O Senhor João relata que pertencia a uma família de 06 irmãos, destes 04 permanecem em Boa Esperança, e os outros migraram. Sua propriedade foi constituída comprando inicialmente 5 hectares de Constante Cambuzzi em 1958 e atualmente ela possui ao todo 23 hectares, sendo que ele passou tudo em usufruto para o filho Marino Sbardelotto, 48 anos, que permanece na propriedade e continua o trabalho com as parreiras e outros cultivos para consumo da família. Marino atualmente vive em uma casa separada do pai e da mãe, na mesma propriedade, casado com Solange, 38 anos, possuem dois filhos: Leandro, 12 anos e Leonardo, 4 anos.

⁶ João Sbardelotto. Entrevista concedida a Jorge Eloir Fischer em jan. 2011.



Figura 3: As três gerações da família da Cantina “Vinhos e Sucos Sbardelotto”

Foto: Ana Paula Melo – Jornal NH, 2011.

Na propriedade Vinhos Dallarosa, Martinho relata:

[...] a propriedade vem desde meu avô, Modesto Dallarosa, que em mais ou menos 1914 vieram e se instalaram neste lugar, se casou com Catarina Dallarosa e teve 12 filhos [...] eles vieram de Caxias do Sul, Quarta Léguas. [...] meu pai Gomercindo Dallarosa em 1949 casou com minha mãe Maria Rissi Dallarosa e fico na propriedade do pai dele [...] dois ou três anos foi noutra propriedade, e teve que voltar para cuidar da mãe dele, onde aqui ele compra a parte dos irmãos, que foram para o interior de Rolante e Santa Catarina, outros foram pra cidade. Nesta propriedade que no início tinha mais ou menos duzentos hectares, meu pai ficou com trinta e um hectares, dois hectares de parrera. Forte era produção de feijão, milho, pimentão e trigo, gado e porco. Tem registro de 1926, já era produzido vinho nesta propriedade para consumo próprio e o que sobrava era comercializado, e o Pai (Gomercindo) levava para Santo Antônio da Patrulha o vinho, de mula, e Ilha Nova-chapada, nas mulas que tinha as brocas, colocando os barril com cinquenta litros cada. O feijão, milho comercializava, levava pro armazém, para troca por mercadoria que não era produzido na propriedade. [...] tecido e sal.⁷

⁷ Martinho Dallarosa. Entrevista concedida a Jorge Eloir Fischer em jan. 2011.

Percebe-se no relato que de 12 filhos 01 permaneceu na propriedade, e na geração seguinte, novamente apenas 01 permaneceu, refletindo o exôdo rural que o país vivenciava.

Martinho relata também que “como passou do nono” para seu pai Gomercindo, hoje ele adquiriu também dos seus irmãos que são cinco. O Sr. Gomercindo e dona Maria tiveram seis filhos e um adotivo. Só Martinho (mais novo) permanece na propriedade, os outros foram todos para a cidade. Martinho ficou com seus pais, apesar de ter morado nos anos 1984 e 1985 na cidade de Taquara para cursar a 6ª e a 7ª série, retornou e concluiu a 8ª série em Boa Esperança, em uma série especial que as “Irmãs” fizeram. Em 1993 seu pai Gomercindo faleceu e ele teve que administrar a propriedade com sua mãe. Casou-se em 2001 com Sandra, atualmente com 29 anos, e tem um filho João Pedro, 2 anos.

Na cantina Vinhos e Sucos Benatto o Sr. Adélio Sbardelotto relatou que:

[...] Tudo iniciou com meu avô Otávio Sbardelotto que fazia vinho pro gasto, e depois passo por meu pai Gentil João Sbardelotto que continuo a aumenta as parreira vendendo uva e fazendo um pouco de vinho pro gasto deles e pra vende.⁸

As propriedades representam a realidade de algumas pequenas propriedades que compõem o meio rural do município, que tem como base a agricultura familiar, bem como pela diversidade de atividades e cultivos desenvolvidos pela família, o que corresponde as peculiaridades da agricultura familiar evidenciadas no referencial teórico.

Para exemplificar a importância da agricultura familiar, trazemos a discussão para o Rio Grande do Sul numa tentativa de verificar a representatividade deste setor encontramos 429.958 propriedades rurais, das quais 395.584 são consideradas como Agricultura e Pecuária Familiar de acordo com o Censo Agropecuário (IBGE,1996). Em 2003, um estudo da Fipe/USP, objetivando quantificar a renda gerada pelas cadeias produtivas ligadas à Agricultura Familiar,

⁸ Adélio Sbardelotto. Entrevista concedida a Jorge Eloir Fischer em jan. 2011.

constatou que essas representam metade do PIB do Estado, revelando também que a Agricultura Familiar nos últimos 8 anos cresceu 52% enquanto a variação do PIB gaúcho chegou a 25% e do PIB nacional apenas 16%.

A percepção de que políticas públicas que incentivaram o modelo convencional de desenvolvimento rural não foram capazes de garantir o progresso econômico ao qual se direcionavam, favoreceram a novas abordagens sobre alternativas viáveis para o desenvolvimento rural sustentável.

De acordo com Caporal e Costabeber (2000), a partir da década de 80 as estratégias convencionais de desenvolvimento começaram a se mostrar insuficientes para dar conta das crescentes condições de desigualdades e de exclusão social ocasionando também, graves danos ao meio ambiente o que gerou novas orientações teóricas que se contrapusessem aos impactos negativos causados por tal modelo e dessem suporte a uma transição para estilos de agriculturas sustentáveis que contemplem uma visão sistêmica.

As constatações fáticas deste universo rural explicitam o sobre-esforço e a necessidade constante de capacitação no sentido de implantar fóruns de debate e trabalhos mais amplos, que discutam novas concepções para o modelo existente, criem alternativas para processos obsoletos e descubram as alternativas disponíveis, mas sem aproveitamento na atual conjuntura (Calcanhoto, 2001). Algumas dessas alternativas configuram a realidade dos pequenos produtores de uva de Boa Esperança, cujas ações e experiências em busca do desenvolvimento sustentável serão abordadas no próximo capítulo.

4 DAS CANTINAS, ÀS AGROINDUSTRIAS FAMILIARES DE BOA ESPERANÇA EM BUSCA DA SUSTENTABILIDADE

A partir das constatações feitas, no capítulo anterior sobre as consequências que o modelo de desenvolvimento convencional ocasionou às pequenas propriedades rurais que desenvolvem a agricultura familiar, destaca-se neste capítulo a busca por alternativas viáveis de desenvolvimento que a comunidade de Boa Esperança buscou conhecer e implementar.

Com o passar dos anos, e com a constatação de que os modelos de desenvolvimento adotados não iam ao encontro das necessidades das populações como um todo, iniciaram-se inúmeros debates conceituais acerca do que se entende por desenvolvimento. No Brasil de acordo com Navarro (2001), diferentes conceitos foram sendo utilizados na tentativa de orientar programas governamentais, tais como: Desenvolvimento Agrícola, concentrado nas condições agrícola e/ou agropecuária, Desenvolvimento Agrário, referindo-se à interpretações das relações sociais em todas as suas dimensões e não apenas na sua estrutura agrícola, Desenvolvimento Rural, trazendo a noção de analisar projetos já realizados pelo estado visando rever objetivos previamente definidos assim como elaborar ações práticas para o futuro de modo que estas se consolidem numa estratégia de desenvolvimento rural, Desenvolvimento Rural Sustentável, trazendo em seu conceito noções de equidade social, sendo que o termo sustentável se refere ao plano ambiental indicando a necessidade das estratégias de desenvolvimento rural que contemplarem de maneira efetiva esta dimensão, Desenvolvimento Local, este tipo de desenvolvimento muitas vezes se confunde com os demais uma vez que traz a noção de que para as ações terem efetividade devem ser fruto de ações locais.

É possível observar que o conceito de desenvolvimento rural se altera ao longo do tempo influenciado não só por conjunturas diferenciadas, mas também por intensos debates sociais que passam a visualizar elementos que durante algumas décadas foram deixados de lado. Desta forma, se integram a esta discussão de desenvolvimento noções de paisagem, etnicidade e territorialidade.

A paisagem num contexto de desenvolvimento passa a ter uma conotação muito além da análise de um espaço natural, onde são observados apenas as características materiais e naturais, mas traz além desses elementos, uma visão

nova onde são levados em conta além dos aspectos geográficos, todas as tramas de relações que unem os processos, sendo que a paisagem não é vista mais como formas separadas, mas sim como um íntimo e dinâmico inter-relacionamento onde são incorporados pressupostos simbólicos da cultura incluindo as tradições científicas.

A discussão sobre a etnicidade (SILVA, 2008) também começa a fazer parte dos debates de desenvolvimento uma vez que objetiva trazer ao debate um discurso social determinado que visa recuperar atores de diferenciação cultural, com a finalidade de aglutinar certas coletividades em um projeto social e de poder concreto. Este conceito engloba ainda dimensões relacionadas a linguagem, formas de organização eficiente para a resistência ou conquista de espaços tendo íntima relação com a descrição de paisagem acima mencionada e, principalmente com a noção de território, que se insurge neste debate entendido como a condição de existência e de sobrevivência física para diferentes etnias que compartilham da mesma origem e elaboram uma unidade. Desta forma, podemos dizer que os saberes e a forma como as etnias se utilizam dos recursos disponíveis no seu território constroem a sua representação de territorialidade que deve ser levado em conta quando são tratadas questões envolvendo o desenvolvimento.

Com base neste enfoque sistêmico, o campo do conhecimento passa nutrir-se de outras disciplinas científicas, como também dos saberes e experiências já acumulados pelos agricultores.



Figura 4: Cantina da família de Adélio Sbardelotto

Foto: Acervo secretaria Municipal da Indústria, Comércio e Turismo de Rolante, 2011.

A valorização destes saberes e a possibilidade dos agricultores poderem discutir suas práticas e encontrar alternativas viáveis, começa então a se efetivar na localidade de Boa Esperança, articulado pela EMATER, através de reuniões com aquela comunidade.

Ao entrevistar a Extensionista de Bem Estar Social da EMATER de Rolante, Janelise Teresinha Waden Wastowski, constatamos em seu relato o processo desencadeado através das instituições parceiras para em conjunto com os pequenos produtores de uva de Boa Esperança encontrar alternativas para aqueles agricultores familiares permanecerem no meio rural.

[...] a partir da fundação do Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural – CMDR em 1997, iniciaram encontros com agricultores familiares daquela comunidade, onde era visível uma capacidade produtiva muito grande e uma vocação para transformação de produtos agrícolas. Percebemos naquelas reuniões que as mulheres mantinham encontros mensais através de Clube de Mães e elas manifestavam mais as dificuldades enfrentadas, que variavam desde problemas com o mosquito borrachudo até a

preocupação com a informalidade da produção e comercialização do vinho. Movidos por estas angústias, mobilizamos outras instituições parceiras como Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Prefeitura Municipal para em conjunto com os agricultores buscar a legalização da produção. Decidiu-se convidar o representante do Ministério da Agricultura para que, sem teor de fiscalização, viesse participar de uma reunião com os produtores, entidades envolvidas, bem como fiscais da Prefeitura, escritório de contabilidade e outros técnicos convidados afim de buscar alternativas para estes agricultores que estavam na informalidade. [...] Após as discussões e visitas a cada propriedade, ficou decidido que, quem quisesse se legalizar, teria que fazer adaptações nas sessões de engarrafamento, ficando a lavagem das garrafas e garrafões para ser feita na Cantina do Rossi que já estava legalizada. A partir de então, todos os interessados foram levados na EMBRAPA de Bento Gonçalves para fazerem cursos de qualificação em produção de vinhos. [...] técnicos da EMBRAPA vieram também em Boa Esperança ministrar cursos de fitossanidade, incentivando nos tratos da parreira, para obter boa qualidade de uva. [...] os produtores fizeram análise de solo para produção adequada. [...] entre as ideias que surgiram estava a formação de uma cooperativa, porém optaram por cada um registrar uma agroindústria e decidiram comprar os equipamentos em conjunto para reduzir os custos, bem como a contratação de um mesmo escritório para fazer a contabilidade e um mesmo enólogo para emitir os laudos analíticos.⁹

De acordo com Guzmán (2001), uma agricultura participativa, permite o desenvolvimento conjunto de tecnologias agrícolas que fortalecem a capacidade local de experimentação e inovação dos próprios agricultores, com os recursos naturais específicos de seus agroecossistemas. O autor ainda ressalta a possibilidade dos agricultores avaliarem tecnologias nativas (próprias) articuladas com tecnologias externas, mediante o ensaio e a adaptação, podem ser incorporadas ao acervo cultural dos saberes e ao sistema de valores próprios de cada comunidade.

A partir desses encontros, conforme o relato da extensionista da EMATER evidenciaram-se estratégias de ação tanto em nível local como regional, baseadas na análise das potencialidades existentes na comunidade, validadas pelos próprios atores sociais envolvidos. Algumas das potencialidades indicadas foram o sistema de agricultura familiar, o conhecimento acumulado por gerações quanto ao cultivo das videiras, produção artesanal de vinhos, sucos e geleias, além de outros produtos da culinária italiana, as belezas naturais protegidas existentes e o patrimônio cultural e étnico da localidade.

⁹ Janelise Wastowski. Entrevista concedida a Jorge Eloir Fischer em jan. 2011.

A constatação de que não existe um modelo alternativo ideal a ser seguido gerou desafios a serem transpostos pela comunidade. O objetivo dos agricultores centra-se em trabalhar a busca pelo conhecimento do funcionamento de agroindústrias familiares.

Ao buscar integrar aspectos como produtividade, cultura e ecologia para desenvolver alternativas sustentáveis de sobrevivência e permanência dos agricultores das pequenas propriedades rurais desta localidade, cabe salientar que na sociedade contemporânea muitas são as indagações sobre o que abrangeria a ideia de desenvolvimento sustentável, mas a mais aceita é a dada pelo Relatório Bruntland, conhecido no Brasil como “Nosso Futuro Comum” publicado em 1987 como texto para a Rio-92 e que segundo Almeida (1997, p.2) aparece como sendo “aquele capaz de garantir as necessidades das gerações futuras”. Não há também “certezas” sobre formas de crescimento econômico que devem orientar na perspectiva do desenvolvimento sustentável.

Como se percebe na comunidade foco deste trabalho, as propriedades passaram por gerações onde apenas um dos filhos permaneceu na busca por alternativas viáveis de sobrevivência e que mantendo um caráter familiar, cabe citar a contribuição de Menegetti (2004) ao afirmar que: “a agricultura familiar deve ser a base social de um novo desenvolvimento rural construído sobre um novo paradigma. Existem características que mostram que a agricultura familiar permite uma melhor gestão dos recursos naturais e que, por conseguinte possibilita o desenvolvimento sustentável do meio rural”.

Àqueles que permaneceram, durante os anos 1990, prosseguiram no cultivo das videiras e de acordo com seus depoimentos percebe-se a vontade de buscar estratégias viáveis para esse cultivo herdado.

[...] de dez anos pra cá melhorou, de 2000 pra cá melhorou [...] ganhamo o “tino” pela dívida da lindustrial pra armazená o vinho e legalizamo a produção do vinho.”¹⁰

[...] continuei no trabalho do Pai, nas parrera, vendendo a uva e fabricando vinho pro consumo e algum a mais pros amigo e parente que buscavam aqui. Dali pra frente fui aumentando a fabricação do vinho na cantina de

¹⁰ Marino Sbardelotto. Entrevista concedida a Jorge Eloir Fischer em jan. 2011.

casa até que em 2002 consegui o registro (MAPA) e dali pra frente sempre aumentou a produção até os dias de hoje.”¹¹

[...] quando assumimo a propriedade registrei a marca da família “Vinhos e Sucos Bennato”, [...] no italiano “bem nascido”, e agora tem a Jose que se formo em Enologia..¹²

A experiência evoluiu a partir do ano de 2000 através do trabalho em parceria desenvolvido entre os produtores, EMATER, Secretaria Municipal de Agricultura e Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rolante organizando as agroindústrias.

Surge então na localidade de Boa Esperança, sete agroindústrias de vinhos, sucos e geleias.

A participação dos atores sociais durante o processo de discussão e planejamento fortalece os laços entre os envolvidos e dão a ideia de um trabalho em rede, não havendo como dizer quais os atores são os mais importantes visto que todos eles se movimentam na rede e as práticas e inovações criam mudanças e co-evolução dos mesmos.

Todas alternativas levantadas foram largamente discutidas com os envolvidos para que os aspectos ambientais não fossem relegados ao segundo plano, pois conforme nos ensina Navarro (2001, p. 96), “nenhuma estratégia de desenvolvimento rural poderá assentar sem uma prioridade ambiental”.

À medida que cada família foi se organizando para a produção do vinho, do suco, geleias, doces e conservas, ampliou-se o leque de possibilidades de trabalho para as mulheres e da permanência dos jovens destas famílias na comunidade, invertendo assim a lógica da migração para os centros urbanos. Essa foi com certeza uma das conquistas de âmbito sociocultural de grande importância para a revitalização desta comunidade. Conforme afirma Wedig (2008, p.15) “o importante é refletirmos e agirmos na busca do fortalecimento das comunidades locais, da equidade de gênero da possibilidade dos jovens permanecerem no campo, dos direitos humanos de alimentação e outros, bem como na realização da produção sem agrotóxicos e sem insumos exógenos, do fortalecimento do comércio justo, bem

¹¹ Martinho Dallarosa. Entrevista concedida a Jorge Eloir Fischer em jan. 2011.

¹² Adélio Sbardelotto. Entrevista concedida a Jorge Eloir Fischer em jan. 2011.

como da valorização dos saberes dos ancestrais, num diálogo que se estabelece com as gerações mais jovens”.

Evidencia-se a possibilidade de permanência dos mais jovens, a partir da instalação das agroindústrias, conforme relata Adélio, “[...] a Joseane foi pra Bento Gonçalves pra estudar Enologia e voltou pra trabalhar com nós”.

Na busca por um desenvolvimento sustentável, Prezotto (2000), destaca a importância da agroindústria familiar como uma ferramenta capaz de promover a geração direta e indireta de novos postos de produção e renda para estes agricultores, melhorando assim a sua qualidade de vida.

Observa-se também que as famílias cultivam outras variedades de plantas utilizadas na própria subsistência e na alimentação de animais domésticos contribuindo assim para o equilíbrio da biodiversidade e conseqüentemente evitando a homogeneização do agroecossistema.

Apesar da pouca mecanização usada nas parreiras, ainda utilizam recursos como defensivos:

[...] o trabalho é braçal, só carreta agrícola pra leva a uva da parrera e pra leva adubação e insumos. Usamo adubação química e adubação verde com o plantio de aveia, vica e azevém onde que diminuiu muito a adubação química e a correção da terra com o calcário, buscado pela Prefeitura, a Secretaria em Pontano Grande.¹³

[...] na terra onde tem a parrera usamo substrato, que a Secretaria da Agricultura busca para nós, e colocamo também os cachos e as cascas da uva que não usamo na produção.¹⁴

¹³ Martinho Dallarosa. Entrevista concedida a Jorge Eloir Fischer em jan. 2011.

¹⁴ Martinho Dallarosa. Entrevista concedida a Jorge Eloir Fischer em jan. 2011



Figura 5: Marino em seu Parreiral

Foto: Jorge Fischer, 2011.

[...] usamos um pouco de insumos comprado na região, as muda são comprada da EMBRAPA e muda própria. As maquina pro suco, foram pensada por nós, eu acompanhei a fabricação na metalúrgica em Bento Gonçalves.¹⁵

Reduzir prejuízos ambientais requer uma “agricultura alternativa” com técnicas como adubação orgânica, adubação verde, rotação de culturas, policultivos, eliminação de insumos e agrotóxicos, com formas de produção e manejo agroecológicos desenvolvidas com métodos participativos viáveis, que por vezes são relegados ao descrédito pelos que dizem serem formas ultrapassadas e não científicas.

Essa transição de sistemas convencionais de agricultura baseados nos princípios da “Revolução Verde” para sistemas de base ecológica, localmente desenvolvidos necessita de incentivo e aprendizagem conjunta destes agricultores de Boa Esperança com instituições como a extensão rural da EMATER, para recuperar saberes de produção que foram considerados “atrasados”, para que

¹⁵ Adélio Sbardelotto. Entrevista concedida a Jorge Eloir Fischer em jan. 2011

possam no futuro vincular sua produção a um produto orgânico diferenciado, alcançando assim uma maior valorização de seus produtos.

4.1 Características das agroindústrias e sua produção

No decorrer da pesquisa percebe-se que cada cantina, como permanecem sendo chamadas no cotidiano da comunidade, apresenta peculiaridades próprias e diferentes estágios de estruturação, auxiliando-se uns aos outros sempre que necessário, demonstrando o caráter de cumplicidade e identificação sociocultural que aquela comunidade mantém nesta contemporaneidade.

Na unidade de produção agroindustrial Vinhos e Sucos Dallarosa a instalação dos equipamentos foi feita no porão da casa onde colocam a uva que é despencada dos cachos manualmente (desgrana), selecionando as uvas boas. Para fabricar o suco, as uvas passam pelo processo de cozimento em banho-maria. O aquecimento das uvas com vapor de água fervente faz com que o suco saia do grão. Controlam a temperatura e a homogeneização do suco, pois a temperatura garante a conservação do suco, que passa então a ser engarrafado e resfriado (choque térmico) que garante a cor por mais tempo. Só então o suco será rotulado e estocado para venda posterior.



Figura 6: Agroindústria Vinhos e Sucos Dallarosa

Foto: Jorge Fischer, 2011.

Segundo Martinho:

[...] a fabricação do vinho também tem que ser com uvas sãs, frescas e maduras, colocadas na garola para moer a uva, passa pela centrífuga e a prensa pneumática, e vai nas pipas de madeira e inox pra armazená.¹⁶

As pipas de acordo com seu relato foram adquiridas de “9 anos pra cá”. O vinho produzido tem certificação do MAPA desde o ano 2002, e o suco a partir deste ano também tem certificação.

Sua produção atual é de 28000 litros de vinho e 4000 litros de sucos de uva, plantam outros produtos para consumo próprio, fazem schmier, geleias, doces e compotas. A plantação de parreira ocupa 3,5 ha, o plantio de matas (pinus, acácia e eucaliptos) ocupa uma área de 4 ha e possui mata nativa bastante preservada.

¹⁶ Martinho Dallarosa. Entrevista concedida a Jorge Eloir Fischer em jan. 2011.

Outras culturas são efetuadas para subsistência: milho, aipim, batata, pipoca, feijão e árvores frutíferas (laranja, figo, pêsego, entre outros).

Ao se referir ao início da instalação da agroindústria Martinho afirma:

[...] onde daquela época até agora triplico a produção. Hoje compramo de terceiros, porque tem dois hectares de parrera nova, onde que era as antigas e 1,5 hectare que foi do Pai, continua produzindo [...] os doces e conservas são transformações das frutas que colhemo na propriedade.

Percebe-se no relato uma certa complementaridade que favorece a utilização da agroindústria em períodos fora da safra, evitando a ociosidade dos equipamentos, bem como a utilização das cascas e bagaços da uva na produção da schmier.

Na unidade de produção Vinhos e Sucos Benatto o processo de produção do vinho e do suco basicamente segue o já citado na agroindústria anterior, mas seu diferencial está nas inovações implantadas pelo próprio produtor que sugeriu mudanças nos equipamentos e a formação da filha em Enologia, aliou conhecimentos acumulados por gerações com novas técnicas que garantem melhorias no padrão de qualidade dos vinhos e sucos.

Tais constatações ficam evidenciadas no depoimento de Josiane ao referir-se a produção do vinho e do suco, até a linguagem é mais técnica:



Figura 7: Josiane no laboratório da Agroindústria de Vinhos e Sucos Benatto

Foto: Jorge Fischer, 2011.

[...] A uva deve passar por uma pré seleção ainda na parreira, para garantir a qualidade do vinho. Depois na cantina fazemos a pesagem, medição Babo, moagem e adição de $K_2S_2O_5$. A fermentação tumultuosa para extração da cor e componentes fenólicos da casca [...] A seguir acontece a fermentação alcoólica que acontece com uma válvula que permite a saída do gás carbônico e inibe a entrada de oxigênio [...] E tem a Tráfegas que tem por finalidade retirar o vinho das pipas para ser feita a limpeza da mesma. Engarrafamento e Rotulagem [...] Já pro suco, uvas são, frescas e maduras. Não podem estar verdes e nem podres. Desgranar e selecionar as uvas. Cozer as uvas em banho-maria. As uvas devem ser aquecidas com vapor de água fervendo, para permitir que o suco saia do grão [...] Homogeneizar o suco permite padronizar uma quantidade maior de suco. Controlar a temperatura para melhorar a conservação. [...] Engarrafar e fechar as garrafas que devem ser cheias por igual. Por fim choque térmico e estocagem até a venda.” [...] por eu ser técnica em enologia, eu consigo manter um padrão nos produtos por meio dos testes que realizo no meu laboratório, isto torna a agroindústria mais competitiva. O pessoal nas feiras se admira disto.¹⁷

A agroindústria de Vinhos e Sucos Benatto é uma agroindústria de caráter familiar por ser caracterizada pela verticalização da produção onde os próprios proprietários produzem, industrializam a matéria-prima, e são responsáveis pela

¹⁷ Josiane Sbardelotto. Entrevista concedida a Jorge Eloir Fischer em jan. 2011.

gestão da agroindústria. A agroindústria foi uma opção feita pela família que já produzia vinhos artesanalmente com técnicas que passaram de pai para filho bem como uma alternativa de incremento da renda.



Figura 8: Agroindústria de Vinhos e Sucos Bennato

Foto: Jorge Fischer, 2011.

Esta propriedade esta localizada em uma área de aproximadamente 44 ha, o parreiral ocupa cerca de 5 ha e o plantio de matas (pinus, eucaliptos e acácias) ocupa uma área de 5,5 ha. Outras culturas são efetuadas para subsistência como: milho, aipim, batata, abóboras e árvores frutíferas (laranja, figo, pêsego, pêra, mamão e goiaba). Produzem também hortigranjeiros e mel.

A família é composta pelos seguintes membros: Adélio (48), Elida (48), Josiane (23), Carine (20), Anderson (16) e Iracema (69), (Mãe de Adélio). A filha mais velha do casal (Josiane, 23) que trabalha junto da propriedade, possui a formação técnica em enologia.

A Sra. Élide produz artesanalmente compotas e geleias de frutas, além de conservas que são consumidas pela família e por visitantes.

Na propriedade existe uma cascata preservada bem como mata natural.

São produzidos nesta agroindústria os vinhos: Tinto de Mesa Seco – Bordô, Branco de Mesa Seco – Niágara, Branco de Mesa Seco – Goethe, Rosa de Mesa Seco – Isabel, Tinto Fino Seco – Merlot, Branco Fino Seco – Moscato, Tinto de Mesa Suave – Bordô, e os Sucos de Uva Natural Integral – Bordô e Isabel.

A família iniciou em 2009 a fabricação de Espumante a título de experiência. Conforme os proprietários se houver mão de obra disponível e o espumante for de boa qualidade, a tendência é que haja investimento na fabricação de mais esta linha de produtos.

Ao falar da produção de 2010 Adélio afirma: “[...] suco foi 14 mil garrafas de 870ml, vinho tinto foi 16 mil litros e vinho branco 2 mil litros [...] armazenado em barril herdado do meu pai e alguns novo de fibra e alumínio.”¹⁸

Durante as entrevistas foi possível perceber que os proprietários se orgulham por trabalharem em vinhedos próprios e realizarem todo o manejo na propriedade. Segundo o proprietário, com este procedimento, o controle se torna mais criterioso e a qualidade da matéria prima se torna superior o que influencia sobremaneira na qualidade do vinho e dos sucos processados.

Na unidade de produção agroindustrial Vinhos e Sucos Sbardetto o processo de fabricação do vinho é semelhante ao descrito nas duas agroindústrias anteriores, seu diferencial esta no processo de produção do suco de uva que a partir deste ano de 2011 deixou de ser por cozimento , pois segundo mudanças na legislação, esse processo da origem a vapor d’água que mistura-se ao suco por decantação, não sendo portanto suco natural, mas néctar.

A mudança no processo de fabricação para continuar sendo suco de uva natural exigiu a aquisição de equipamentos como: pasteurizadora, envasadora, que significou uma inovação na Comunidade de Boa Esperança, levando produtores como o exemplo de Martinho Dallarosa, a levar sua uva para processar na cantina de Marino Sbardelotto.

A inovação e o progresso técnico que aparecem nas entrevistas realizadas quanto a produção do suco de uva através da adequação dos equipamentos feitas

¹⁸ Adélio Sbardelotto. Entrevista concedida a Jorge Eloir Fischer em jan. 2011

por Adélio, dos Vinhos Benatto, nos remete ao que Silva (1990) nos fala sobre os processos produtivos que buscam a eficiência que está na diminuição do tempo de produção e manutenção ou aumento da qualidade do produto, sendo a aplicação dos avanços tecnológicos no processo produtivo uma das formas de atingi-la, exemplificam o que o autor nos fala.

Já a obrigatoriedade de mudança dos equipamentos que todas as agroindústrias de Boa Esperança possuem para a produção do suco de uva por cozimento para o modelo de filtro com máquina de extração, serpentina e envasadora nos fazem refletir sobre o que nos ensina Paiva (1975) a adoção de inovações tecnológicas pela agricultura se dá por influência de fatores não agrícolas da economia, quando se verifica uma racionalidade própria do agricultor essa adoção demanda um período de “conversão”, “adoção” e para sua “expansão” efetiva depende de crédito, assistência técnica e políticas públicas do Estado.

O progresso técnico na agricultura depende da produção do conhecimento humano e da evolução da ciência, mas para Hayami e Huttan (1988) os mercados, as instituições e as especificidades culturais influenciam significativamente neste processo. Para estes autores os problemas relacionados ao uso da terra, via tecnologia biológica.

O mercado tem grande influencia sobre o desenvolvimento e adoção de tecnologias por parte do agricultor, podendo levá-lo a adoção de tecnologias que se desviam de suas reais necessidades, daí a importância de se criar e valorizar instituições públicas de pesquisa agrícola para “ampla” disseminação de inovações de acordo com Hayami e Huttan (1988) e de se questionar a quem estes servem: Se a grandes proprietários ou a agricultura familiar? Se para produção de transgênicos ou a agroecologia?

Para Salles e Ferreira (1990, p. 2) “o ritmo e as inovações devem ser pensados de acordo com a importância que a inovação tem no ambiente concorrencial.” No entanto para esses autores essa iniciativa da inovação tecnológica não parte das necessidades dos agricultores, mas dos interesses do setor industrial que desenvolvem novos produtos, máquinas, insumos, sementes, etc... Um exemplo por eles citados é o caso das sementes geneticamente modificados (transgênicas) produzidas por grandes corporações que dominam a produção de herbicidas e criaram sementes que se adaptam mais a estes produtos químicos.

Tais inovações tecnológicas colocam o agricultor em total dependência de seus produtos e respondem aos interesses de concorrência entre empresas.

Outra forma de influência verificada é o papel desempenhado pelas agroindústrias processadoras de alimentos que influenciam o mercado e as unidades de produção agrícola segundo Goodman et al (1990) esse fenômeno é denominado apropriação. Estas agroindústrias alimentícias colocam a agricultura num papel de mero fornecedor de matéria prima para a produção de alimentos, enquanto atribuem à atividade industrial a função de principal responsável pela produção de alimentos – substitucionismo.

Desta forma verificamos que a agricultura tem ligação com as indústrias fornecedoras de insumos e com indústrias processadoras de alimentos (complexos agroindustriais), afetando assim a adoção de tecnologias pelos agricultores que podem ter sido desenvolvidas para o setor de uma fábrica e estará tendo influência também para o setor agrícola.

Todas estas constatações demonstram o caráter complexo e a amplitude da influência do progresso tecnológico sobre a agricultura, que tanto levam agroindústrias familiares como as de Boa Esperança a modificar e adaptar equipamentos para produção de vinhos e sucos de melhor qualidade como levam a terem que adquirir equipamentos novos para poderem continuar produzindo sucos considerados naturais a fim de não sofrerem a depreciação do preço destes produtos.

5 A COMERCIALIZAÇÃO E A ROTA DE TURISMO RURAL “CAMINHO DAS PIPAS”

Com a revitalização das cantinas através de sua estruturação em agroindústrias, surge a necessidade de uma maior divulgação de seus produtos para aumentar a venda e conseqüentemente a renda familiar, favorecendo assim a permanência das gerações mais novas.

Com o resgate de valores étnicos, culturais, bem como características ligadas a paisagem da localidade, evidenciam-se estratégias de comercialização que favorecem a uma maior visibilidade dos produtos tanto a nível local quanto regional.

De acordo com Pesquisa realizada na Secretaria Municipal da Indústria, Comércio e Turismo de Rolante sobre o “Projeto de divulgação e promoção do Caminho das Pipas” elaborado em 04 de maio de 2005 por Glaucia Janise Lindem Schierhold – Extensionista Empresarial da Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas de Taquara - FACCAT e Janelise Teresinha Waden Wastowski – Extensionista do Escritório Local da EMATER constata-se que: “A partir da estruturação das cantinas em agroindústrias familiares, no final dos anos 1990 e início deste século, estas tornaram-se referência no Vale do Paranhana, na produção de vinhos coloniais, com qualidade e segurança sanitária. Com isto o fluxo de visitas à localidade cresceu ano a ano. Como a maioria das propriedades possui vinhedos e produção própria de vinhos armazenados em barris de grande porte, chamados popularmente de “pipas” surgiu então a denominação dessa rota de turismo rural”.

A Prefeitura Municipal de Rolante firmou convênio com as Faculdades de Taquara através do curso de Turismo e do Programa de Extensão Empresarial, participante ativa do Fórum de Turismo do Vale do Paranhana, através do qual se tornou viável a elaboração do projeto para divulgação da rota turística na região.

A ação conjunta destas instituições parceiras e dos proprietários das agroindústrias da localidade de Boa Esperança buscou através deste projeto de divulgação e promoção lançar oficialmente a rota “Caminho das Pipas”, e assim viabilizar mais uma estratégia de incremento à economia local, criando oportunidades de trabalho, resgatando a cultura italiana e sua importância no processo de colonização do Vale do Paranhana e do Rio Grande do Sul

evidenciando assim a possibilidade de permanência das novas gerações na localidade de Boa Esperança.

A organização das agroindústrias familiares e a participação na rota levaram a comunidade a utilizar técnicas de armazenagem e engarrafamento, embalagem, rótulos e melhoramentos nas instalações de suas cantinas com vistas a atender as necessidades de comercialização local e regional e preservação ambiental, bem como aos interesses dos visitantes. Todas as etapas foram desenvolvidas e acompanhadas em conjunto com as instituições parceiras.

As agroindústrias também comercializam seus produtos em feiras do produtor locais, regionais e eventualmente nacionais. Em restaurantes de pequeno e médio porte, casas de carnes e vinhos e supermercados.

A organização e sistematização da rota de turismo rural “Caminho das Pipas” veio contribuir para a sustentabilidade sociocultural e econômica das agroindústrias conforme se percebe em suas falas:

[...] o turista busca na propriedade [...] temos clientes fiéis [...] a Rota de Turismo tem contribuído pra comercialização e o conhecimento da nossa região e dos produtos.¹⁹

[...] a Rota ajuda [...] muitos estranho entra no lugar.²⁰

[...] o pessoal já ta acostumado a vim busca o vinho e o suco aqui. Alguns vem desde a época do pai, de Taquara, Dois Irmãos, Sapiranga, daí passeiam pela propriedade, fazem perguntas [...] isso acontece principalmente nos sábados [...] e com a propaganda da Rota aumentou os visitante.²¹

¹⁹ Martinho Dallarosa. Entrevista concedida a Jorge Eloir Fischer em jan. 2011.

²⁰ Marino Sbardelotto. Entrevista concedida a Jorge Eloir Fischer em jan. 2011.

²¹ Adélio Sbardelotto. Entrevista concedida a Jorge Eloir Fischer em jan. 2011.



Figura 9: Placa indicativa do “Caminho das Pipas”

Foto: Jorge Fischer, 2011.

Nelson Baldasso, Engenheiro Agrônomo e supervisor regional da EMATER-RS, reforça a importância do produtor no sentido de sua capacidade associativa: “a entrada do produtor no “Caminho da Pipas” deu mais visibilidade aos produtos produzidos ampliando os canais de comercialização a partir da divulgação em vários eventos relacionados ao Turismo”.²²

Apesar da venda direta ao consumidor a relação entre produtores e consumidores ainda é fortemente marcada pela venda dos produtos agrícolas a grandes empresas que dominam o setor, como por exemplo, a uva fornecida para empresas de schmier o que reduz a autonomia do produtor deixando-o sem poder de barganha quanto ao preço do seu produto. “[...] Vendo há 15 ou 16 anos pra Ritter. Este ano mais ou menos 30.000Kg de uva Isabel.” (Marino)

A rota de turismo rural “Caminhos das Pipas” configura-se para aquela comunidade como uma possibilidade de mudança do paradigma produtivista tradicional, que gera submissão às grandes corporações para uma orientação para o mercado em que as agroindústrias desenvolvem uma “estratégia competitiva de

²² Nelson Baldasso. Entrevista concedida a Jorge Eloir Fischer em dez. 2010.

enfoque” que conforme nos ensina Revellion (2009) “envolve a oferta de produtos diferenciados para um segmento específico de consumidores (também chamado “nicho de mercado”) que por apresentarem preferências particulares, apreciam e se dispõem a pagar mais por aqueles tipos de produto”.

Observam-se nos aspectos que envolvem a produção de vinhos, sucos, geleias, e schmier daquelas agroindústrias que são explorados alguns direcionadores de diferenciação como:

A tradição familiar, pois as agroindústrias passam de pai para filho, mantendo características próprias, que atraem os novos consumidores que buscam um produto diferenciado.

O associativismo pelo fato das agroindústrias estarem integradas num roteiro turístico faz com que o produto seja amplamente divulgado com baixos custos, o que se o produtor estivesse sozinho seria mais difícil.

A produção de suco integral que abre a porta para atender a um mercado maior do que se o produtor centrasse esforços apenas no vinho pelo fato de ser bebida alcoólica não pode ser consumida por todas as pessoas.

Vinhedos próprios que qualificam a matéria prima aumentando o grau de confiabilidade.

E a assistência técnica que o produtor está sempre buscando para qualificar o produto.

Os direcionadores de diferenciação utilizados por aquelas agroindústrias estão fortemente ligados a socioculturalidade daquela comunidade formando uma teia de características que visam atingir um segmento específico de consumidores (nicho de mercado).

Uma das principais tendências de diferenciação nos dias atuais refere-se às Indicações Geográficas. Por indicação Geográfica (IG), entende-se, como uma distinção concedida pelo INPI (Instituto Nacional de Propriedade Industrial) que reconhece a destacada produção de determinado produto, em dada região geográfica.

O Brasil, por apresentar inúmeras peculiaridades regionais – tradições, culturas e costumes – apresenta grande potencial por produtos com IG. O que ocorre, no entanto, é que muito ainda tem a se conhecer sobre estas diversidades regionais, especialmente com relação a uva e ao vinho, pois não basta produzir vinhos diferenciados e se tornar conhecido pela produção, é necessário também

reconhecer os atributos da uva e do vinho produzidos garantindo a longevidade da cultura da videira e o desenvolvimento local.

A certificação junto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), além de garantir o desenvolvimento e qualificação de técnicas de produção e padronização do produto, favoreceu o controle de qualidade e a legalização do produto para comercialização através do Sistema de Inspeção Municipal (SIM), possibilitando a venda do produto para o comércio local, ampliando assim a demanda e favorecendo a estabilidade de preços.

O Programa Nacional de Fortalecimento à Agricultura Familiar (PRONAF) constitui-se em importante instrumento público para auxiliar os produtores na aquisição de equipamentos para o manejo da produção e melhorias nas instalações e equipamentos, bem como possibilitou a compra de utensílios para armazenagem e estocagem do vinho e suco.

Outro instrumento público de apoio a comercialização do suco de uva, é a implementação do Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar-PAA que possibilitou a inclusão do mesmo no Programa da Merenda Escolar do Município de Rolante e região.

Tais estratégias de comercialização configuram-se como alternativas de sustentação para as pequenas propriedades que nesta contemporaneidade acreditam na possibilidade de permanência no meio rural.

Martinho ao falar do futuro diz “que venha a 4^a, a 5^a e a 6^a geração”.

Josiane, filha de Adélio, afirma “que se formou em Enologia e voltou com o objetivo de montar seu laboratório para melhorar a produção e investir aqui.”

Outras potencialidades como o patrimônio arquitetônico e cultural (músicas, corais, danças, costumes, hábitos) passaram a ser valorizados e resgatados, superando a influência ideológica da estigmatização do camponês ou do “jeito camponês de ser”, que pela influência dos meios de comunicação de massa, da educação e da própria academia, (WEDIG, 2008) eram considerados como atrasado e jeca de acordo com o que nos ensina Fleury (2008).

A realidade atual das agroindústrias que compõem a rota turística “Caminho das Pipas” demonstra por sua produção de uva, sua estruturação em agroindústrias e organização social dentro da comunidade ser uma sólida perspectiva para a

permanência das gerações mais novas, apesar das dificuldades por eles apresentadas ao longo das entrevistas.

[...] o clima, a uva depende do clima [...] o pequeno produtor tem mesmas taxas que os grandes. Tinha que ter uma classificação diferente [...] falta mão de obra, onde dificulta este tipo de serviço [...] e a mudança no jeito de fazer o suco [...] este ano vou leva la no Marino pra fazer o suco.²³

[...] dificuldade é imposto que é caro [...] melhora a classificação [...] paga o mesmo quem produz 1.000 litro que quem produz 100.000 de litro.²⁴

As dificuldades apresentadas são comuns, falta de mão de obra que configura um fator limitante para a produção, a taxação que não contempla as especificidades da agroindústria familiar e as mudanças nas normas e regras de produção do suco, que não pode mais ser considerado “suco natural” e sim “néctar de uva” se for produzido por cozimento, o que gerou a necessidade de mudança nos equipamentos para não sofrerem prejuízos com a depreciação do preço do produto.

A fala dos entrevistados denuncia a falta de políticas públicas que contemplem o turismo rural na agricultura familiar embora reconheçam sua importância para o desenvolvimento local conforme Pedron e Klein (2004). “O turismo rural na agricultura familiar passou então a ser compreendido como sendo uma atividade turística que ocorre na unidade de produção dos agricultores familiares que realizam as atividades econômicas peculiares da agricultura familiar, dispostos a valorizar, respeitar o seu modo de vida, patrimônio cultural e natural, oferecendo produtos e serviços de qualidade, bem como proporcionando bem-estar aos envolvidos” constituindo-se assim para os pequenos produtores da comunidade de Boa Esperança como uma importante e viável oportunidade de renda.

Esse “Novo Rural” como vem sendo chamado (Graziano da Silva e Dell Grossi, 1998) que engloba um conjunto de “novas” atividades como a industrialização ocorrido nas agroindústrias de Boa Esperança, que buscam conquistar um “nicho de mercado” para atender a necessidade de inserção

²³ Martinho Dallarosa. Entrevista concedida a Jorge Eloir Fischer em jan. 2011.

²⁴ Marino Sbardelotto. Entrevista concedida a Jorge Eloir Fischer em jan. 2011.

econômica das gerações mais novas é o que emerge neste cenário com a necessidade de políticas públicas de incentivo, a fim de aumentar a renda e a autonomia destas pequenas propriedades rurais nesta contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os períodos históricos e as políticas de desenvolvimento e modernização da agricultura, implantados no Brasil, cujo principal objetivo era o aumento da produtividade, colocando o setor agrícola como subsidiário do processo de industrialização do país, verificou-se que algumas dimensões que o conceito de desenvolvimento pressupõe não foram alcançados, apesar de seus idealizadores garantirem que trariam o “progresso da nação”. Tais políticas, com o decorrer do tempo, demonstraram ser extremamente excludente, pois não atingiram a todos de maneira igualitária, levando ao empobrecimento do meio rural, principalmente daquelas regiões formadas por pequenos produtores rurais que desenvolviam a agricultura familiar, como o caso da localidade de Boa Esperança, foco deste trabalho, levando-os ao empobrecimento e ao conseqüente abandono das atividades agrícolas e migração para periferia dos grandes centros urbanos, o que caracterizou o grande êxodo rural ocorrido nas décadas de 1960 e 1970.

Neste cenário de exclusão em que se encontravam os pequenos proprietários, relatamos as ações e experiências realizadas por aqueles produtores de uva de Boa Esperança, descendentes de imigrantes italianos, que através da revitalização de suas cantinas e adequação para agroindústrias familiares, encontraram uma alternativa viável de sobrevivência e permanência no meio rural.

Pensar em formas sustentáveis de desenvolvimento rural é o desafio que está posto para esta contemporaneidade, visto que compartimentalização e isolamento das diferentes dimensões que devem compor uma proposta de desenvolvimento, demonstraram ser danosas, pois nem a dimensão econômica à qual priorizavam foram capaz de promover de forma igualitária. A complexidade que a realidade do meio rural apresenta pressupõe uma visão sistêmica que contemple as dimensões socioculturais e ecológica, além da econômica.

A partir desta visão de desenvolvimento, para encontrar soluções viáveis não podemos conceber mais o distanciamento entre a pesquisa agrônômica, a extensão rural e os conhecimentos locais dos próprios agricultores.

Considerando as experiências e reflexões aqui apresentadas que articulam questões sociais, culturais, ecológicas e econômicas do meio rural na busca de

alternativas viáveis, cabe salientar que a comunidade de Boa Esperança não formou uma associação de vitivicultores, ou de agroindústrias, nesta contemporaneidade.

Mas por sua cumplicidade, identificação e relação entre seus atores sociais obedecer a um consenso que demanda a existência de uma ética que os orienta e mantém esta identidade sociocultural fundamentada em seus valores existenciais e sentido de vida, organizaram-se, desafiados pelas instituições parceiras, em torno de uma rota de turismo rural denominada “Caminho das Pipas” que abrange as agroindústrias familiares representadas por suas cantinas que comercializam vinhos, sucos, doces e conservas.

Esta comunidade foi a única dentro do município capaz de se organizar e superar o êxodo rural, que em Rolante levou quase a totalidade das gerações mais novas a migrarem para centros maiores como Novo Hamburgo, Campo Bom e Sapiranga em busca de trabalho nas empresas do ramo calçadista. Pelo fortalecimento de sua identificação sociocultural superaram esta fase e hoje muitas famílias vêem seus filhos trabalhando em suas agroindústrias, como exemplo da agroindústria Vinhos e Sucos Bennato em que a filha do proprietário formada em enologia retornou para trabalhar na agroindústria da família e, na propriedade dos Vinhos e Sucos Sbardelotto, Marino inova na produção dos sucos, bem como, Martinho dos Vinhos e Sucos Dallarosa aguarda a 4ª, a 5ª e a 6ª gerações com confiança na sustentação da atividade rural.

A comunidade de Boa esperança tem se apresentado como uma identidade sociocultural significativa do município, pois o sentido de pertencimento que seus integrantes têm, superou o estigma “atrasado” que o meio rural sofreu, disseminado por décadas pelos meios de comunicação de massa e pelas próprias instituições de ensino.

A busca por estratégias viáveis de sustentabilidade das pequenas propriedades foi sempre acompanhada pelos agricultores que participaram da concepção, sugeriram inovações, até mesmo em equipamentos, garantindo a adaptação da inovação. Tais práticas sustentaram a co-evolução de suas estratégias, valorizando seus projetos, ações e experiências acumuladas por gerações e promoveram o sentido de pertencimento e apropriação do processo de desenvolvimento deste novo rural que lá se configura.

Com estas constatações cabe ainda ressaltar as dificuldades enfrentadas por aqueles agricultores que denunciam a falta de políticas públicas que contemplem as

especificidades das agroindústrias familiares, colocando-os em igualdade de tributação com as grandes empresas.

A abordagem de todas as implicações históricas, culturais, sociais, econômicas, ambientais e políticas são indispensáveis para compreendermos as consequências que determinados modelos de desenvolvimento econômico acarretam à sociedade e a quem estes servem, enquanto determinam as políticas públicas adotadas pelo país.

Diante da busca por alternativas de desenvolvimento viáveis, embora sendo apenas uma pequena fração do universo rural brasileiro, a comunidade de Boa Esperança, através das agroindústrias e da rota de turismo rural experimentou uma inovação pioneira nesta região. A oferta de produtos diferenciados que suscitam uma vida saudável, diminuindo o impacto ambiental no decorrer de todo o processo produtivo, aliando conhecimentos acumulados por gerações de agricultores às novas tecnologias de armazenamento, engarrafamento, embalagens e marketing, desencadeou uma “eficiência dinâmica sustentável”, cujo desafio é integrar as necessidades do “nicho de mercado” consumidor com as inovações tecnológicas, mantendo um caráter diferenciado em seus sucos e vinhos, consolidando assim a identidade daquelas agroindústrias familiares e da rota de turismo rural que os congrega, para garantir a viabilidade de permanência das futuras gerações.

Apesar de não existir um modelo ideal a ser seguido, carecemos nesta contemporaneidade de políticas públicas que contemplem os pequenos produtores rurais e orientem que tipo de desenvolvimento econômico queremos para o nosso país.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. Agricultura familiar e uso do solo. **São Paulo em perspectiva**. São Paulo: 1997.

ALTIERI, M. A. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 3.ed. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 2001. (Síntese Universitária, 54).

ALTIERI, M. **Agroecologia-bases científicas para uma agricultura sustentável**. Guaíba. Editora Agropecuária. 2002. 592p.

CALCANHOTTO, Flávio Abreu. Diagnóstico e Análise de Sistemas de Produção no Município de Guaíba/RS: uma abordagem agroeconômica. Porto Alegre. 2001.

CALLON, M. Por uma nova abordagem da ciência e do mercado. O papel das redes sócio-técnicas. IN.: PARENTE, A. **Trama da rede**. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 64-79.

CAPORAL F. R.; COSTABEBER, J. A.. Análise Multidimensional da Sustentabilidade uma proposta metodológica a partir da Agroecologia. **Agroecologia e desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, RS, v.3, n.3, p. 70-85, jul./set. 2002.

CHAYANOV, A. V. La Organización de La unidad económica Campesina. Buenos Aires; Nueva Visión, 1974.

CONSELHO MUNICIPAL DE DESENVOLVIMENTO RURAL – CMDR. Rolante/RS.

DAL SOGLIO, Fábio Kessler. **A crise ambiental planetária, a Agricultura e o Desenvolvimento**. Texto elaborado para a disciplina DERAD008 – Agricultura e Sustentabilidade, oferecida em 2008/02. Porto Alegre, 2008.

DALL'ACQUA, Lorena. Colonização Italiana em Boa Esperança. Texto inédito com 33.450 caracteres digitados, Rolante 2004.

DELGADO, Guilherme, C. A questão Agrária no Brasil, 1950 – 2003 (2009) disponível em: http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/questaosocial/cap_2.pdf acessado em 15 abril 2009.

EMATER/RS. **Estudo de situação**. Escritório Municipal da Emater/RS-Ascar de Rolante, 2000.

FLEURY, Lorena Cândido. **Múltiplos Olhares, uma Questão**: Repensando a Agricultura e o Desenvolvimento – Material didático elaborado para a disciplina DERAD008 – Agricultura e Sustentabilidade, do curso de graduação tecnológica Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural – PLAGEDER/UFRGS, Oferecida em 2008/02.

GEHLEN, Ivaldo. **Estrutura, Dinâmica Social e Concepção Sobre Terra no Meio Ambiente**. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre/RS, v.6.p.154-176. 1994.

GRAZIANO NETO, F. Recolocando a questão agrária in STÉDILE J. P. (coord). A questão agrária hoje. Editora da Universidade. Porto Alegre.UFRGS. Porto Alegre, 2002, p.238 – 254.

GUIMARÃES, Alberto Passos. Quatro séculos de latifúndio. São Paulo: Editora Paz e Terra, (1968).

_____. A crise agrária, Rio de Janeiro. Paz e Terra, (1979).

GUZMÁN, E.S. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da Agroecologia. **Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, v.2, n.1, jan./mar.2001.

GUZMÁN, Eduardo Sevilla. Origem, evolução e perspectivas do desenvolvimento sustentável. In: NAVARRO, Zander e ALMEIDA, Jalcionde de. **Reconstruindo a agricultura**: idéias e ideais na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 1998. p.19-32.

LUTZENBERGER, José A. **O absurdo da Agricultura Moderna** – outubro de 1998. WWW.fgaia.org.br/texts/biotec.html.

MENEGETTI, Gilmar Antônio. **Desenvolvimento, Sustentabilidade e Agricultura Familiar. (s/d)**. Texto elaborado para o DERAD 03. Oferecido em 2008/01. Disponível em: <http://WWW.emater.tche.br/docs/agricultura/art18-htm>. Acesso em: 11.01.2011.

MIGUEL, Lovois Andrade de. **Dinâmica e diferenciação de sistemas agrários**. Textos da disciplina DERAD 002. 2008.

MAZOYER & ROUDART . **Histoire des Agriculteurs du Monde**, (Paris, 1997)

NAVARRO, Zander . **Manejo de Recursos Naturais e Desenvolvimento Rural.** (2001)

NAVARRO, Zander. **Desenvolvimento Rural:** os limites do passado e os caminhos do futuro. Estudos avançados USP, vol 15, n. 26.

PACÍFICO, Daniela A.. **História da Modernização da Agricultura:** um Conto de Muitas Facetas.

PAIM, Gilberto. RANGEL, Ignácio. PASSOS, Alberto. JUNIOR, Caio Prado. **Desenvolvimento rural e a questão agrária até a década de 1960.** Leitura síntese de.

PAIM, Gilberto. **Industrialização e economia natural.** 1957. (sem referências).

PRADO JUNIOR, Caio. **A questão agrária.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

_____. **A revolução brasileira.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. Brasiliense, 2000.408p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ROLANTE. Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente.

RAMBO, Balduino. **A fisionomia do Rio Grande do Sul:** ensaio de monografia natural. 3ª ed. Unisinos. São Leopoldo.

RANGEL, Ignácio. **A questão agrária brasileira.** Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS. 2004.

SCHIERHOLT, José Alfredo. **Rolante – Rio que gera História.** Rolante/RS, 1ª edição. 2004.

SILVA, José Graziano da. VEIGA, José Eli da. NETO, Francisco Graziano. STÉDILE, João Pedro. **Desenvolvimento rural e a questão agrária após a redemocratização e atualmente.** Leitura síntese de.

SILVA, J. G. da. **Questão Agrária, Industrialização e Crise Urbana no Brasil – Ignácio Rangel.** (prefácio) Porto Alegre, UFRGS Editora, 2003.

_____. **A Nova Dinâmica da Agricultura Brasileira.** 2 ed. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Instituto de Economia, 1998.

_____. O desenvolvimento do capitalismo no campo brasileiro e a reforma agrária. In.: STÉDILE, J.P. (coord). **A Questão Agrária Hoje.** Editora da Universidade. Porto Alegre. UFRGS. Porto Alegre, 2002, p. 137 – 143.

STÉDILE, J. P. A questão agrária e o socialismo in STÉDILE, J. P. (coord). **A Questão Agrária Hoje**. Editora da Universidade. Porto Alegre.UFRGS. Porto Alegre, 2002. p. 306 – 322.

VEIGA, J. E. Fundamentos do agroreformismo in STÉDILE J. P. (coord). **A Questão Agrária Hoje**. Editora da Universidade. Porto Alegre.UFRGS. Porto Alegre, 2002, p. 68 – 93.

WEDIG, Josiane Carine. **Diversidade cultural, Gênero, Juventude Rural e Direitos Humanos**: Reflexões Sócio-culturais Acerca do Mundo Rural – Texto escrito para a disciplina DERAD008 Agricultura e Sustentabilidade, oferecida em 2008/02.

YIN, Robert (1994). Case Study Research: Design and Methods (2^a Ed) Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.

APÊNDICE

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

- 1- Como foi a sucessão familiar/ou não da terra onde está localizada a agroindústria?
- 2- Principais momentos quanto a construção da estrutura da sede, parreiras...
- 3- Geração que adquiriram a terra de quantos filhos? Quais permaneceram e quais foram embora?
- 4- Idade dos que permanecem?
- 5- Como se dava a comercialização da uva? E do vinho no passado?
- 6- Quando e como foi a mudança para transformar a cantina em agroindústria?
- 7- Que produtos são beneficiados atualmente?
- 8- Principais formas de comercialização?
- 9- Outras rendas?
- 10- Desafios, expectativas e dificuldades atuais?
- 11- Estrutura atual desde quando? Tamanho da propriedade? Quanto de parreiras? Outros Cultivos? Animais? Tração animal ou mecanizado? Equipamentos, tratores? Máquinas para beneficiamento? Marca, Certificação? Visitação, Rota?